



Metamorfoses do Convento de São Francisco de Real
RECONHECIMENTO, ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO

***Metamorfoses* do Convento de São Francisco de Real**

RECONHECIMENTO, ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO

Metamorfoses do Convento de São Francisco de Real

RECONHECIMENTO, ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO

Coordenação

Maria Manuel Oliveira, Teresa Cunha Ferreira
Centro de Estudos da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho CE.EAUM

Textos

Teresa Cunha Ferreira

Desenhos

João Pedro Fonte, João Pereira Silva
CE.EAUM

Fotografias

CE.EAUM [pág. 21, 56, 57, 59, 61, 62, 63]
André Castanho [pág. 17, 25, 58, 72]
SIPA: DGEMN/DREMNI [pág. 30, 31, 34, 36, 37]
Pe Aguiar Barreiros [pág. 31, 36, 37 (interior da capela)]
Google Maps [pág. 42, 71]

Levantamento geométrico e topográfico

UAUM

Revisão de texto

Teresa Godinho

Impressão

Clássica, Artes Gráficas

Edição

Lab2PT, Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, Azurém, 4800-058 Guimarães

Primeira edição

Dezembro de 2015
300 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 401838/15

ISBN 978-989-99484-2-6

© EAUM 2015

© CE.EAUM 2015

Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT- Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 e da FCTMEC através de fundos nacionais e, quando aplicável do cofinanciamento do FEDER, no âmbito do novo acordo de parceria PT2020.



Os autores agradecem à Reitoria da Universidade do Minho por apoiar o desenvolvimento de uma investigação a propósito do projecto de reutilização do Convento de São Francisco de Real em Braga.

À Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, em especial a Manuela Martins e Luís Fontes, pela colaboração neste estudo, seja na discussão de hipóteses, seja na generosa disponibilização de documentação e de levantamentos indispensáveis para o trabalho. Ao Departamento de Engenharia Civil da Universidade do Minho, particularmente a Paulo Lourenço e à sua equipa, pela disponibilidade e pela relevante cooperação na inspecção e diagnóstico do edifício. Trata-se, deste modo, de um trabalho interdisciplinar que manifesta proficuas colaborações entre diferentes áreas de saber, reforçando o potencial da Universidade na produção e disseminação de conhecimento sobre o território construído.

À Câmara Municipal de Braga, pelo fornecimento de informação e pela facilitação do acesso ao antigo edifício conventual.

A Paula Figueiredo, Isabel Norton e Maurício Guerreiro pelas suas colaborações.

Ao André Castanho pelas fotografias.

Aos alunos da área de Cultura Arquitectónica | História e Ucronia do 4.º ano da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (A.A. de 2013/2014) pelos estudos, ensaios e perspectivas que lançaram sobre o Convento de São Francisco de Real.

Por fim, um agradecimento à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho por acolher novas experiências pedagógicas e de investigação em Projecto.

Sumário

8	Preâmbulo
10	Enquadramento Territorial
10	Braga - construção do território
14	Princípios de implantação
18	Cerca e envolvente
20	Sistemas hidráulicos
22	Hipóteses de reconstituição
22	Sequência de evolução construtiva
24	Convento no século XVI
26	Convento no século XVIII
30	Intervenções no século XX
34	Síntese cronológica
36	Cronologia fotográfica Século XX
38	Comparação com outros conventos
40	Análise tipo-morfológica
42	Análise da organização funcional
44	Estudos métricos e geométrico-formais
44	Análise métrica e de modulação
46	Traçados geométricos
48	Hipóteses de leitura cronológica
48	Mapa de vãos
50	Análise de alvenarias
52	Levantamento do existente
52	Levantamento geométrico e topográfico
56	Levantamento fotográfico
58	Levantamento de anomalias e alterações Sala da Figueira
60	Convento e território Estado actual e perspectivas contemporâneas
64	Glossário
68	Bibliografia

“Não permanece o homem sempre no mesmo estado, diz o Santo Job, e a experiência o ensina. Na mesma forma são todas as coisas neste mundo, que ainda as que parecem mais estáveis, e fortes padecem sua decadência, e nelas há tão pouca permanência, que a cada passo se vem nelas várias mudanças, ou já seja renovando-as, ou acrescentando-as, ou diminuindo-as, desfazendo-as, ou mudando-as. Muitas das que achámos no Convento de São Frutuoso, quando para ele viemos, ainda permanecem, porém as mais delas com suas renovações, e acréscimos.”

[SANTIAGO, Francisco de, COSTA, Miguel Manescal da - *Chronica da Santa Província de Nossa Senhora da Soledade da mais estreita e regular observância, do seráfico Padre S. Francisco do Instituto das Descalças no Reyno de Portugal*, Tomo I, Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa Impressor do Santo Officio, 1762, p. 501.]

Preâmbulo

Localizado num pequeno esporão orientado sobre o vale do Cávado, o mosteiro inicial servia o mausoléu do bispo São Frutuoso, gerando uma marca na paisagem que, expressivamente, se associou à do seu predecessor dumiense. As grandes campanhas medieval, quinhentista e setecentista, de renovação do conjunto visigótico, culminaram na intervenção da Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais no século passado, a qual, na sua pretensão de restaurar a genuinidade do mausoléu entretanto transformado e absorvido no complexo monástico, amputou o corpo conventual, acentuando dificuldades na percepção da sua trajectória no tempo. Essa operação, justificada pelo reconhecimento do valor patrimonial da Capela de São Frutuoso, veio a justificar a sua classificação como Monumento Nacional, em 1944.

Hoje em dia, por razões que se prendem com o seu percurso histórico, o conjunto encontra-se repartido por diferentes senhorios e administrações. Foi no entanto desde logo consensual que a sua leitura espacial o deveria considerar na globalidade, e que a intervenção a agora levar a efeito, pese embora estar circunscrita ao corpo conventual propriamente dito, teria necessariamente em linha de conta a articulação com o Mausoléu de São Frutuoso e a Igreja de São Jerónimo de Real, partes intrínsecas do antigo Convento de São Francisco. O estudo, conduzido com o intuito de fornecer suporte analítico ao desenho, cedo se lhe tornou instrumento indispensável, mais uma vez corroborando o pressuposto de que, no projecto arquitectónico, a investigação sobre a história dos edifícios e o contexto territorial em que se inserem é indissociável do processo de construção desse mesmo desenho.

Considerando o edifício como um documento material a ler e transformar, propôs-se *“entender a sua configuração, apreciar seus valores e diagnosticar as suas carências”* [Capitel, 1988: 13], com o intuito de compreender as suas metamorfoses, esclarecer o existente na sua espessura

pluri-estratificada e descodificar lógicas compositivas, simbólicas, funcionais e construtivas.

A especificidade *“de cada circunstância nunca generalizável”* e a importância de um rigoroso conhecimento da preexistência [Alves Costa, 2003], conduziu - em simultâneo com a análise crítica ao Programa Preliminar e a consequente definição do Programa Base do Projecto de Arquitectura - os ensaios apresentados neste estudo onde o desenho é explorado como instrumento de pesquisa e interpretação. Foram, assim, elaborados diferentes tipos de levantamento, equacionados princípios de implantação e enquadramento territorial, formuladas hipóteses de reconstituição da cerca e do convento na sua evolução construtiva, determinada uma matriz funcional e realizados estudos geométrico-formais e de comparação com outros exemplares da Ordem Franciscana.

Condicionadas pela escassez de informação, bem como pelos meios e limite de tempo disponíveis, assinala-se a probabilidade de algumas dessas hipóteses virem a ser acertadas a breve prazo, em particular porque, neste caso, o conjunto sob (re) conhecimento se encontra submetido a minuciosa pesquisa arqueológica, em busca de evidências que permitam aclarar a sua longa e controversa história.

Esta reflexão pretende, ainda, interpretar criticamente o objecto enquanto “monumento”, nas acepções amplificadas do termo - construído e natural, material e imaterial -, integrando-o no seu contexto sociogeográfico. Discussões recentes sobre o carácter totalizante e narcísico do conceito de património [Choay, 2005] apontam para a necessidade de superar acepções fetichistas ou nostálgicas de objectos icónicos e encerrados sobre si mesmos, em favor de uma interpretação sistémica e aberta às múltiplas apropriações contemporâneas, em estreita relação com o território e suas comunidades [Carta de Cracóvia, 2000].

Sendo a história um instrumento operativo para a compreensão do presente, ainda que não directamente aplicável, parecem essencial a possibilidade de *“deixar*

falar o edifício e crer que no edifício existe uma lógica que, de algum modo, tem em potência a possibilidade de completamento e de plenitude”

[Solá-Morales, 2006: 24]. Por conseguinte, a busca de um fio condutor nas sucessivas sobreposições e adaptações do Convento de São Francisco, com o intuito de compreender espacialidades, trajectórias de uso e fases construtivas, permitiu identificar limites e potencialidades na definição do programa e da estratégia de intervenção. Simultaneamente, fundou decisões de projecto.

Com recurso a uma metodologia própria à disciplina da arquitectura cruzam-se neste trabalho, através de sínteses produzidas pelo desenho, as diversas fontes disponíveis (textuais, fotográficas, iconográficas e levantamentos), analisadas em permanente confronto com a observação in loco do existente. O objectivo primordial do estudo levantou interrogações que foram construindo o método exploratório, num processo que, estimulado pelo próprio projecto de intervenção [Corboz, 2001], foi confirmando ou discutindo itinerários aparentemente já sedimentados ou sugerindo novas conjecturas e caminhos de pesquisa.

Na sua particular circunstância, o Projecto para a Instalação da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho no Convento de São Francisco de Real, muito especialmente confirmou o Projecto de Investigação enquanto parte integrante do Projecto de Arquitectura e este, no indissociável movimento reflexo, como Projecto de Investigação.

Maria Manuel Oliveira, Teresa Cunha Ferreira

A pesquisa que aqui se apresenta foi realizada no âmbito da elaboração do Projecto para Instalação da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho no Convento de São Francisco de Real, em Braga, um trabalho actualmente em desenvolvimento no Centro de Estudos da Escola de Arquitectura da mesma universidade (CE.EAUM).

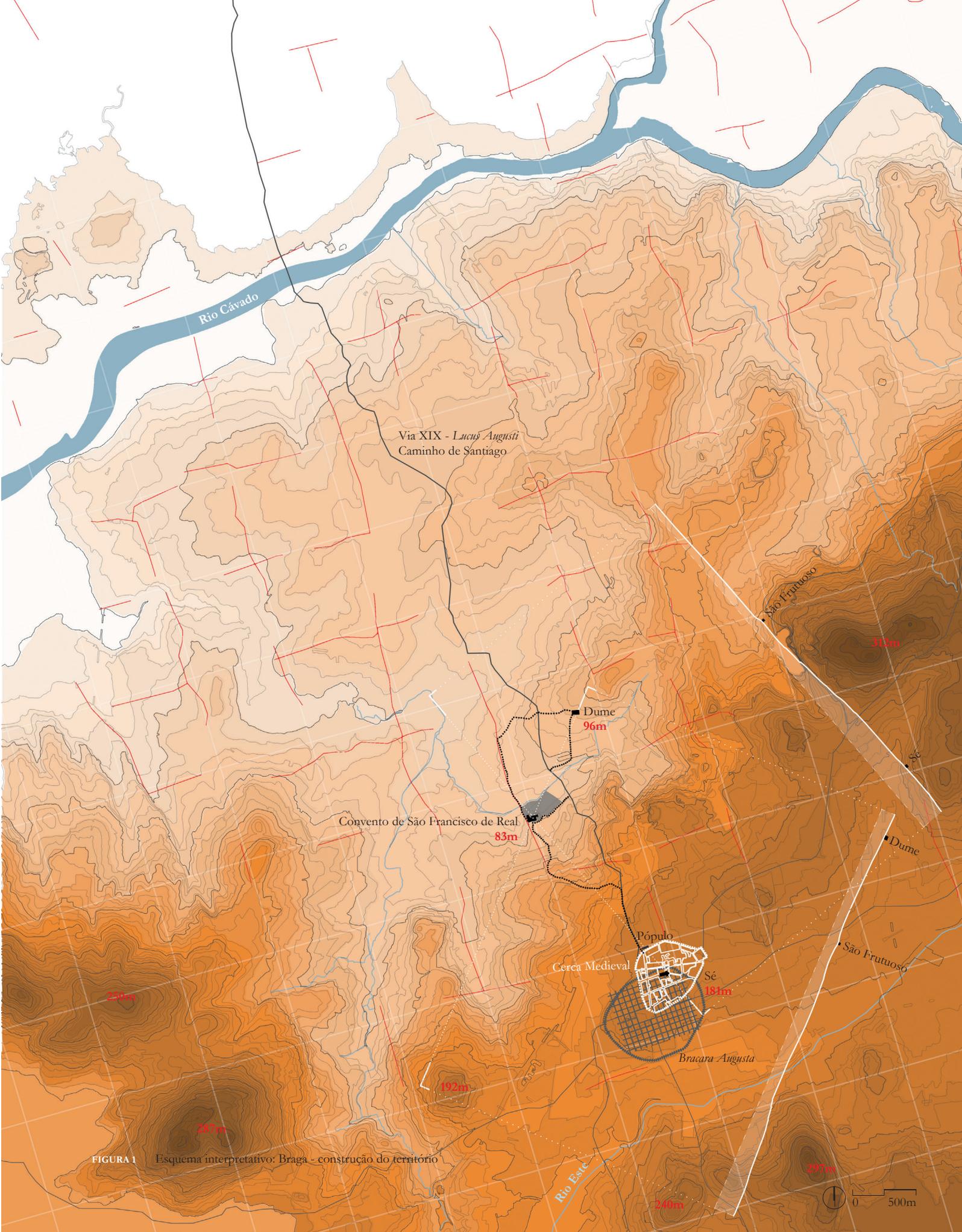


FIGURA 1 Esquema interpretativo: Braga - construção do território

Enquadramento Territorial

O Convento de São Francisco de Real localiza-se na região do Baixo Minho a cerca de três quilómetros da cidade de Braga, na freguesia de Real, na margem sul do rio Cávado. O convento capucho foi fundado no século XVI sobre a estrutura medieval de São Frutuoso de Montélios que, por sua vez, assentava já sobre preexistências que remontam ao Calcolítico com sucessivas sobreposições, inclusive na época romana [Fontes, 2012: 45].

A construção do território bracarense, apesar da estratificação milenar, tem particular importância no período de ocupação romana, não só pela relevância urbana de *Bracara Augusta*, como também pelas marcações territoriais e pelas vias de circulação, em particular a *Lucus Augusti* (ou Via XIX).

Na imagem superior [FIGURA 2] é possível observar a entrada na cidade de Braga nos séculos VII-X a partir da *Lucus Augusti*, assim como a posição relativa das ocupações de Dume e de São Frutuoso, que marcam territorial e paisagisticamente uma “porta” de entrada na cidade de Braga.

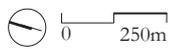
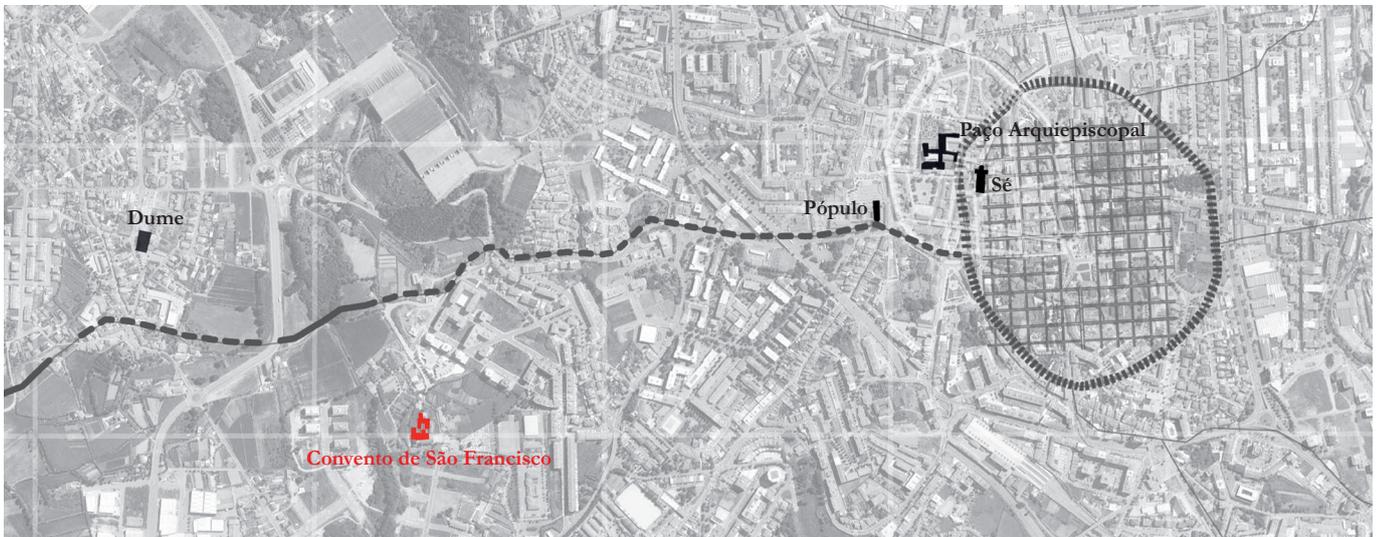
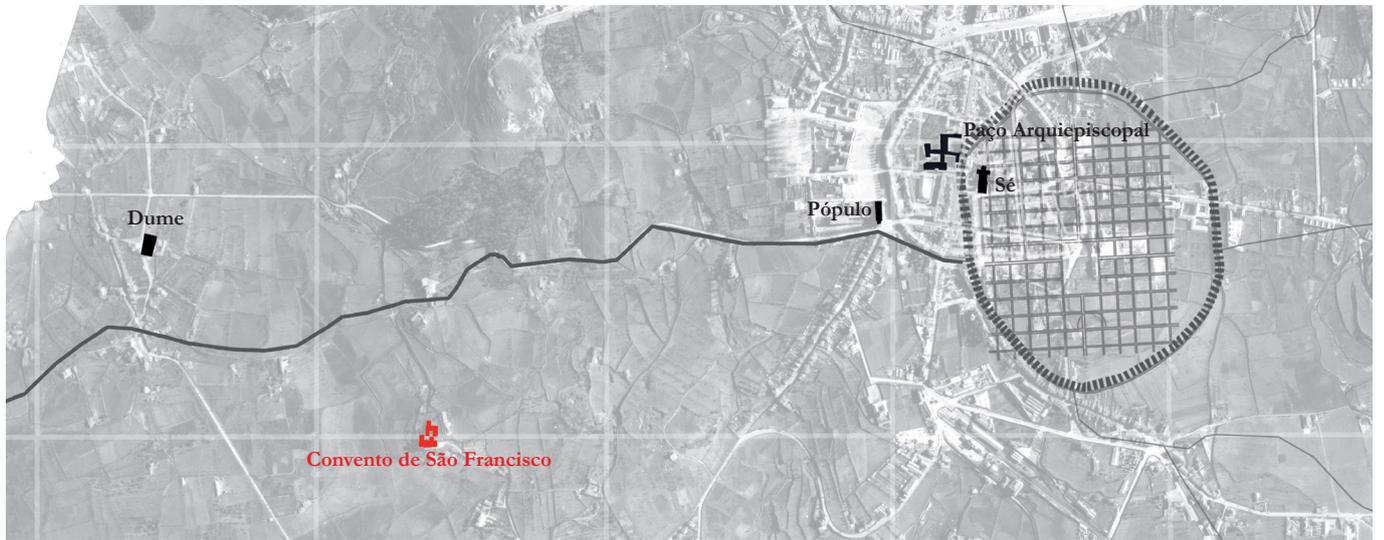
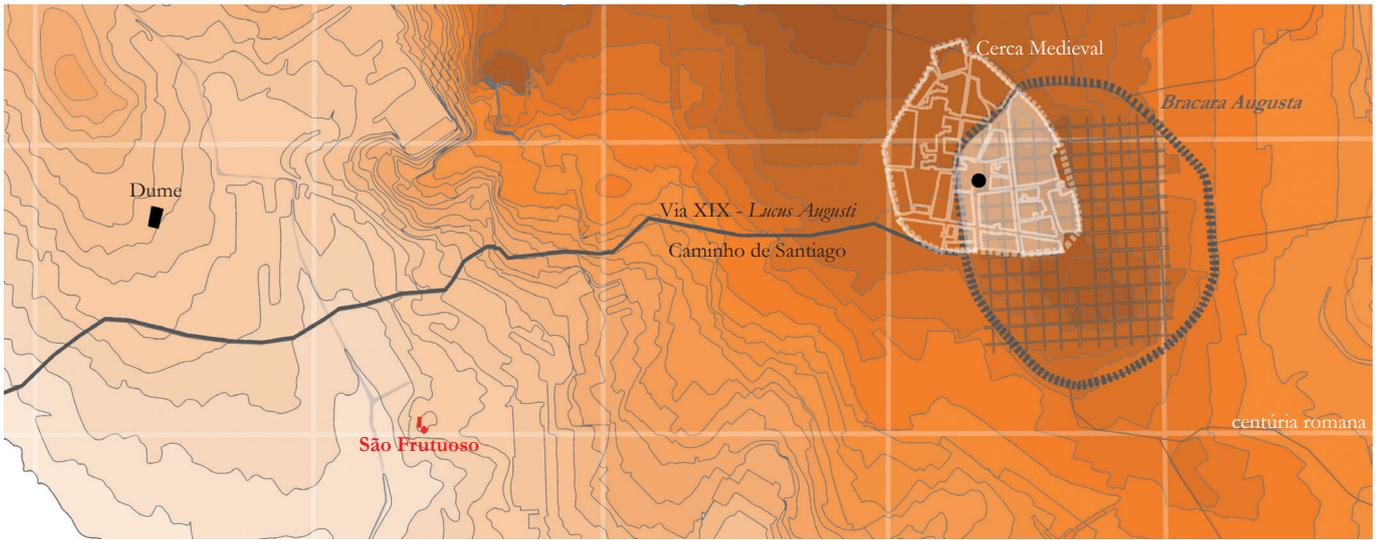
A permanência do traçado da *Lucus Augusti*, mais tarde Caminho de Santiago, é evidente também na fotografia aérea de 1938 [FIGURA 3] que ilustra um território predominantemente rural.

Não obstante as profundas transformações recentes e decorrentes da expansão da cidade, que foram esquecendo as preexistências históricas e patrimoniais, o traçado desta via é ainda legível no contexto actual [FIGURA 4].

FIGURA 2 Esquema interpretativo - Braga séc. VII-X

FIGURA 3 Foto aérea da cidade de Braga em 1938

FIGURA 4 Foto aérea da cidade de Braga em 2013



Enquadramento Territorial

Em maqueta de estudo [FIGURA 5] e em perfil [FIGURA 6] é evidente como as marcações territoriais de Dume e São Frutuoso – ambos “lugares sacralizados” com grande importância histórica e simbólica na construção do território bracarense – balizam, pela posição na topografia, a chegada a Braga a partir da *Lucus Augusti*, abrindo o grande enfia-mento em direcção à Sé. Podemos, a partir desta verificação, sugerir tratar-se de um gesto deliberado de organização e sinalização territorial [Corboz, 2001].

Edificado no século VII, o Mausoléu de São Frutuoso de Montélios – onde viria a implantar-se o Convento São Francisco de Real – localiza-se à cota de 83 metros, numa elevação com domínio panorâmico sobre a envolvente frente à Sé (elevada 188 metros) e a Dume (que, no século anterior, se tinha fixado à cota de 96 metros).

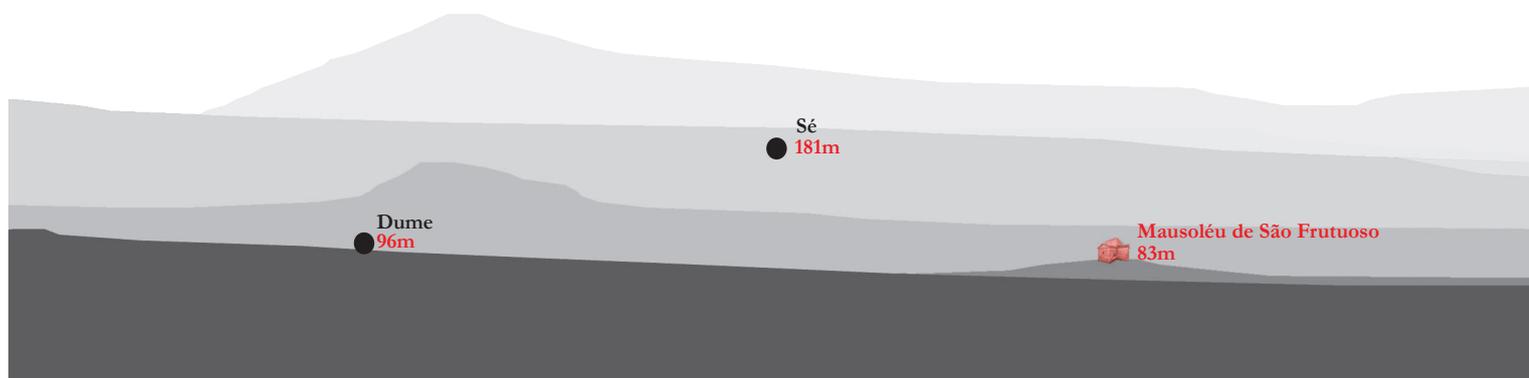
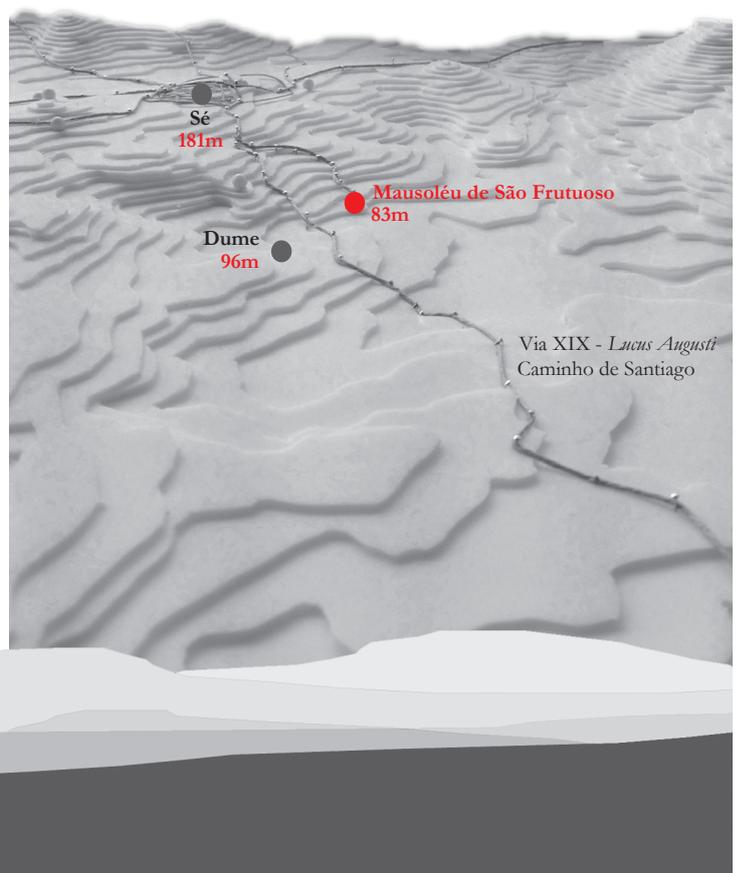


FIGURA 6 Perfil: Dume - São Frutuoso de Montélios

FIGURA 5 Maqueta de estudo CE.EAUM



Enquadramento territorial

Princípios de implantação

Mausoléu de São Frutuoso - séc. VII [sob São Frutuoso, 656-689]

“Ainda descobrimos outra conjectura no sítio, em que se vê a dita Igreja; porque dando o referido Vitruvio as regras, e modos de fabricar os Templos aos deuses, diz, que se deviam escolher para eles sítio de bons ares, e onde houvesse fontes de boas águas, e saudáveis, especialmente para os Templos de Esculápio, com a medicina do qual criam os Gentios serem os enfermos curados; (...) Estes requisitos, conforme refere Plutarco, tinham os Templos de Esculápio, que houve fora, mas junto à Cidade de Roma, e estes mesmos se vêem no de São Frutuoso, porque gozã de sítio ameníssimo, alegre, salutariferos ares, e boníssimas águas, as melhores, que tem todo o território Bracarense, pelo que parece ser aquele Templo antigamente dedicado ao ídolo de Esculápio.” [Santiago & Costa 1762: 490]

A partir de sobreposição apoiada nos estudos de Helena Carvalho e Francisco Mendes [Carvalho & Mendes, 2004] pode observar-se que os braços da antiga capela de São Frutuoso - referenciada em documento como templo anterior dedicado a Esculápio [Santiago & Costa, 1762: 490] – seguem a orientação da centurição romana, sugerindo uma singular precisão na implantação do edifício. Posteriormente, durante o domínio suevo e

visigótico (séculos V a VIII), é de destacar a importância de São Martinho (reconhecido pelo apostolado na conversão dos suevos ao catolicismo) e de São Frutuoso, ambos bispos de Dume e de Braga, a quem se deve a fundação de dois dos mais antigos mosteiros documentados no actual território português: São Martinho de Dume e de São Salvador de Montélios.

Salvo alguns vestígios registados em relatórios arqueológicos [Fontes, 2014], são muito escassas as fontes relativas à estrutura arquitectónica do Mosteiro de São Salvador, verificando-se que o Mausoléu de São Frutuoso seria usado para culto religioso em época medieval até à construção de uma nova Igreja, na mesma freguesia, por D. Diogo de Sousa (século XVI).

Neste sentido, interessa ainda relevar, a partir dos séculos IX-X, a importância de São Frutuoso na rota religiosa de peregrinação, assim como da respectiva ocupação monástica que guardava as relíquias do Santo, até estas serem saqueadas e levadas para Compostela em 1102 (tendo apenas regressado a Braga em 1966).

Convento de São Francisco - séc. XVI [sob D. Diogo de Sousa, 1505-1532]

O Convento de São Francisco de Real, integrado na Província Capucha da Piedade (também designada da “mais estrita observância”), foi construído sob mecenato do arcebispo D. Diogo de Sousa a partir de 1523. Implantado sobre a preexistente ocupação monástica de São Frutuoso/ São Salvador, tinha acesso a partir daquela que era ainda a maior via de circulação e peregrinação: o Caminho de Santiago.

A história seráfica franciscana afirma ser este o primeiro convento a fundar-se na cidade de Braga referindo que à data de 1273: “*não havia por este tempo Convento nesta nobilíssima cidade, nem ela se mostrava muito fácil em abrir a sua porta às Religiões sagradas, mas a nossa lhe está em grandes obrigações, por quanto foi a primeira, que agasalhou consigo no Convento de S. Frutuoso, cuja Igreja notável pela forma, pequena no edifício, e fundada pelo mesmo Santo Arcebispo (...). Neste antigo, e devoto Santuário, onde depois de estarem moradores os nossos Religiosos da provincia da Piedade, se viram prodigiosas virtudes e maravilhas celestes; lbes fez a sua morada outro Primaz illustrissimo, chamado D. Diogo de Sousa aos 12 de Dezembro de 1522*” [Esperança, 1666: 3-4].



FIGURA 7 Século VII (sobre ortofotomapa de 1938) | centurição romana | cerca medieval | Bracara Augusta

0 250m

Esta resistência à instalação de conventos – que acontecia também noutras importantes cidades como Leiria e Porto – prendia-se com a ameaça que as novas ordens mendicantes poderiam constituir ao monopólio das estruturas civis e religiosas instaladas em tais centros urbanos [Mattoso, 1982: 64-65].

A escolha deste lugar para a localização do convento segue os princípios de implantação dos conventos franciscanos da Província da Piedade [Xavier, 2004]: a proximidade da via de peregrinação (local de passagem de muitos fiéis a quem os frades poderiam dar apoio espiritual); a integração de preexistências religiosas (neste caso, o “antigo e devoto santuário” de São Frutuoso); a posição numa encosta, permitindo uma relação privilegiada com a paisagem e o contacto visual com a natureza, como preconizado na regra de São Francisco; a exposição favorável, a presença de água abundante e a fertilidade das terras, potenciando o cultivo do interior da cerca necessário à subsistência dos frades. Por fim, segundo os estatutos de Província, era aconselhada a localização em lugar recolhido mas simultaneamente próximo de um grande

centro urbano (sendo ordem mendicante, previa o contacto directo com as populações), mais especificamente a meia légua, ou seja, cerca de três quilómetros [Xavier, 2004: 35]. Essa é a distância entre São Frutuoso e Braga, que corresponde a aproximadamente 30 minutos a pé por um caminho de ligação mais directa à cidade e que era, então, usado pelos frades (depois denominado “caminho de frades”).

Estes princípios de implantação estão sugestivamente descritos em documento do século XVIII, facto que reforça uma clara e intencional estratégia de localização territorial comum às estruturas monástico-conventuais, mas também à ordem franciscana em particular [Marado, 2008: 2]: “*Está em sítio vistoso, e alegre, porque senhoria todo o vale de Prado, um dos melhores, e mais ricos da Província de Entre Douro, e Minho, e passa com a vista ainda adiante mais para a parte do Norte. É este Convento um dos mais devotos, que tem a Província, porque está em competente distância apartado do tumulto da Cidade, e comércio do povo, e em sítio muito acomodado à vida espiritual, e contemplativa*” [Santiago & Costa, 1762: 502].

Por outro lado, de acordo com os estatutos da Província Capucha da Piedade, explica-se ser um edifício de reduzida escala, como era habitual serem as construções franciscanas e especialmente as deste ramo mais austero, que se recomendavam “*pobres, pequenos e recolhidos*” [Monforte, 1751: 26].

Desta fase, importa referir ainda que D. Diogo de Sousa para “*tirar os freigueses da dita igreja de Sam Fructuoso*” – que passaria a funcionar como igreja conventual – para “*nom darem torvação aos frades*”, mandou edificar, nas proximidades, “*a igreja de Sam Hieronimo de novo a qual estaa ante que cheguem ao dito mosteiro com seu campanario, alpendre, capela olivellada e igreja ladrilhada*” [Maurício, 2000: 302]. Não foi possível ainda, aos estudos que se debruçam sobre este assunto, determinar a localização exacta desta primitiva Igreja de São Jerónimo.



Lucas Augusti | Caminho de Santiago — Caminho dos frades — Hipótese de ligação Dume - São Francisco
FIGURA 8 Século XVI (sobre ortofotomapa de 1938) | centurição romana | cerca medieval | *Bracara Augusta*

0 250m

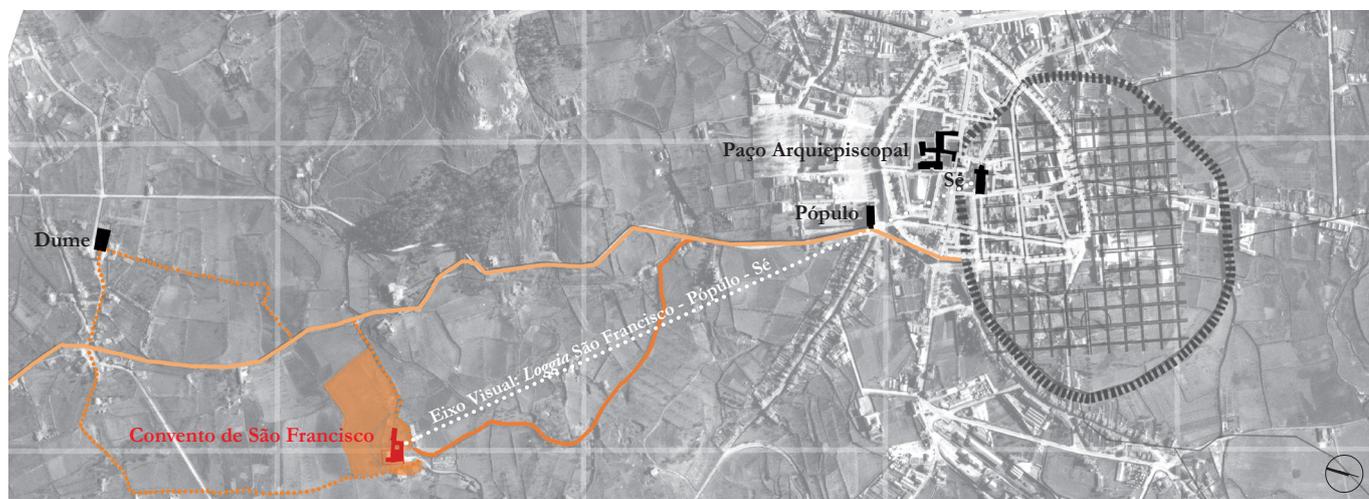
Enquadramento territorial

Convento de São Francisco - séc. XVIII [sob D. Rodrigo Moura Telles, 1704-1728]

No século XVIII, o edifício é objecto de ampla reconstrução após ter sido integrado na Província da Soledade, em particular por acção de outro notável arcebispo bracarense, D. Rodrigo Moura Telles. Desta campanha de obras destaca-se a construção da nova Igreja de São Jerónimo, a reedificação e ampliação do convento e a abertura de uma *loggia* ou varanda com enfiamento visual para a Sé de Braga, cruzando com a torre da Igreja do Pópulo, que é também o ponto de entrada na cidade pelo já referido “caminho de frades” (o qual, neste segmento da sua trajectória, se sobrepunha à antiga via romana).

Por outro lado, esta renovação incorporou definitivamente São Frutuoso na estrutura monástica, retirando-lhe a autonomia volumétrica que tinha até então, ao ser integrado numa das alas conventuais e passado a funcionar como capela lateral da Igreja de São Jerónimo.

A proposta abaixo apresentada para a reconstituição dos limites da cerca setecentista apoia-se nos caminhos de ligação a Dume e em permanências identificadas no local (muros, caminhos, ribeiro), bem como em descrições do convento em documentos dos séculos XVIII e XIX.



Lucas Augusta | Caminho de Santiago — Caminho dos frades — Hipótese de ligação Dume - São Francisco Hipótese de reconstituição da cerca ■

FIGURA 9 Século XVIII (sobre ortofotomapa de 1938) | centurição romana | cerca medieval | Bracara Augusta

0 250m



Enquadramento territorial

Cerca e envolvente

Em maqueta de estudo [FIGURA 10] com hipótese volumétrica do Convento de São Francisco no século XVIII, percebe-se a imponência da sua massa construída na paisagem, reforçada pela implantação em ponto dominante da cerca, como acontecia frequentemente nos conventos capuchos da Província da Piedade [Xavier, 2004: 56; 63].

Embora a cerca seja contemporânea da fundação do convento no século XVI, não existe informação que nos permita reconstituir com rigor o seu perímetro. Os limites e a ocupação da cerca que aqui se avançam são definidos a partir da sua descrição nas Crónicas da Soledade (1762) e no Inventário de extinção do convento (1834) que referem ter este “boa cerca com excelentes hortas, e pomares de fruta e assim de espinho, como de toda a mais, e duas matas de carvalhos para lenhas, uma delas dividida em ruas” [Santiago & Costa, 1762: 502].

A organização da cerca setecentista seguiu, como na maioria dos conjuntos monásticos desta época, uma hierarquia de proximidade em relação ao edifício. Deste modo, na sua vizinhança imediata localizavam-se hortas de subsistência e jardins (neste caso, um jardim de flores com tanque de peixes e uma capela); nos socalcos a norte e a nascente, cultivavam-se vinhas e pomares; por fim, na envolvente mais distante, supõe-se

que existissem campos de centeio e duas matas de carvalhos que fechavam a cerca. Não foi possível identificar a localização do jardim referido na descrição do século XVIII como “um vistoso alegrete, ou jardim de várias flores, no fim do qual está a Capela do Presépio do Nascimento de Cristo com esquisitas, e graciosas figuras, a qual se fez (...) no ano de 1751”, nem se este teria algum tipo de alusão ao Jardim de Jericó como espaço lúdico e de contemplação, frequentemente revisitado nas estruturas franciscanas da Província da Piedade, por vezes articulado com o “horto de recreio” e “pátio da cisterna” [Xavier, 2004: 63; 71]. Por outro lado, não é conhecida também a efectiva relação entre estes espaços exteriores e a loggia existente no cunhal sudoeste.

“Cerca do Convento

Item avaliarão os Louvados a cerca deste Convento de S. Frutuoso, q se compõem d'hum Campo dividido por dois socalcos com arvores de fructa [6.], e Nogueiras, e mais arvores, parte dellas avidadas, e conjunto deste Campo pelo lado do Norte se acha outro Campo com arvores também avidadas [7.], e juntamente pela parte do Nascente tem huma Devesa de Caravalhos [8.] unidos aos preditos campos tendo somente a devizão por huma passada de pequena altura. Disserao eles Louvados que renderia a mesma cerca de pao livre de cultura em cada hum ano cento, e cinco alqueires, apreço de trezentos reis

a cada. Que renderia de vinbo livre sessenta almudes apreço de trezentos reis. Que renderia de fruta e nozes cinco mil e sette contos reis. E renderia a Lenha na Devesa annoalmente doze carros apreço de quatro contos de reis cada huma. (...) Disserao eles Louvados que se confrontava a Cerca pelo lado do Sul com o Convento, e com a Estrada que vem de São Jerónimo para S. Martinho [1.]. Do Nascente com prédios rústicos da Caça do Rego da freguesia de S. Marinho. Do Norte confronta com terras da Quinta dos Lagos da Cidade de Braga, e do Poente confronta com o caminho que vem de S. Martinho para S. Jeronimo [2.]. E toda a mesma Cerca se acha circuitada com muro de pedra, de altura de mais de quatorze palmos.”

Inventário de extinção do convento de São Frutuoso em Braga, Ministério das Finanças, Convento de São Frutuoso de Braga, cx. 2201, Appenso H, in Arquivo Nacional Torre do Tombo, Hospício de São Francisco de Braga, cx. 2202 (código de referência: PT-TT-MF/DGFP/E/1/00066)

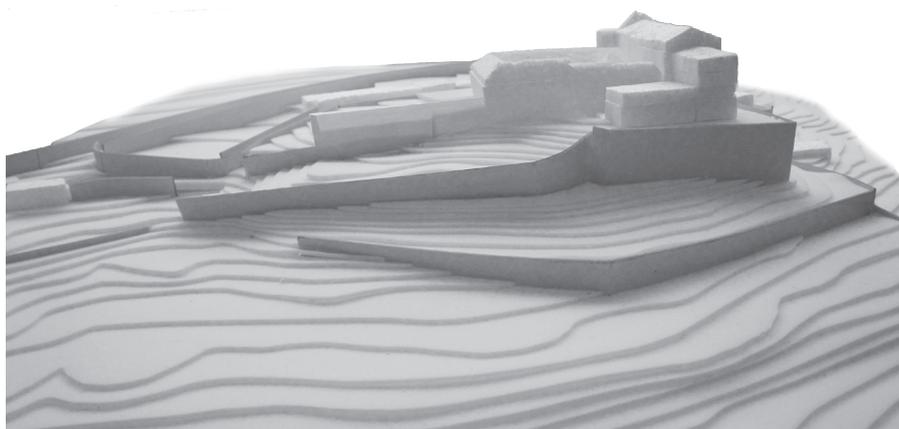
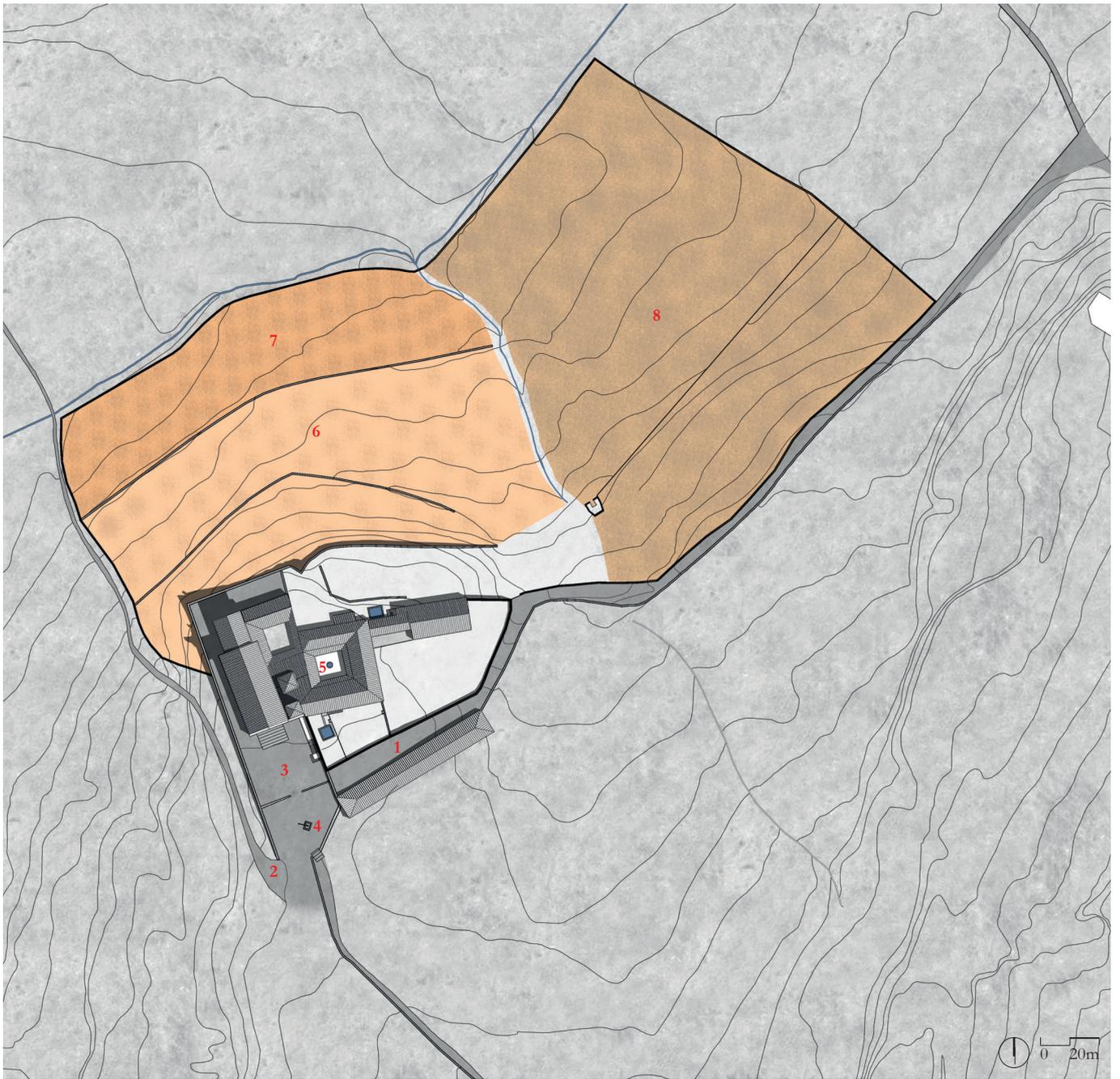


FIGURA 10 Fotografia da maqueta de trabalho com a reconstituição volumétrica do convento no séc. XVIII

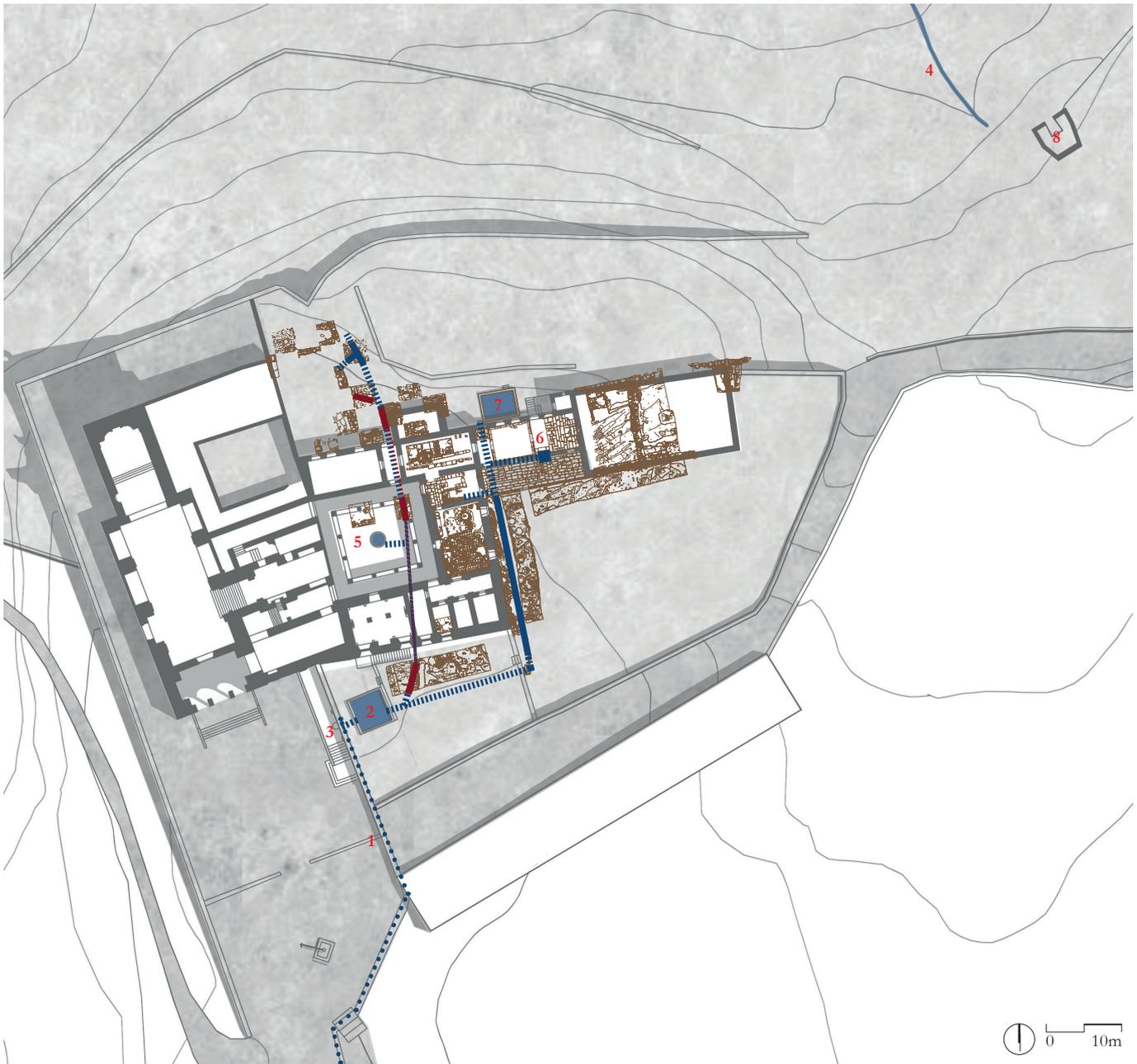


1. Estrada que vem de S. Jerónimo para S. Martinho
2. Caminho que vem de S. Martinho para S. Jerónimo
3. Terreiro
4. Cruzeiro
5. Claustro
6. Campo com árvores de fruta
7. Campo com árvores *avidadas*
8. Campo de carvalhos

FIGURA 11 Hipótese de reconstituição da cerca no século XVIII

Enquadramento territorial

Sistemas hidráulicos



Vestígios de canalização: séc. XVI — séc. XVIII — Hipóteses de canalização: séc. XVI - - - - - séc. XVIII - - - - - Aqueduto - - - - - Vestígios arqueológicos —

1. Aqueduto
2. Tanque no tardo da Fonte do Terreiro
3. Fonte do Terreiro | Fonte D. Diogo de Sousa
4. Ribeiro
5. Chafariz do claustro
6. Tanque da cozinha
7. Tanque do Terreiro do lavatório
8. Chafariz na cerca

FIGURA 12 Indicação dos sistemas hidráulicos sobre planta de escavações arqueológicas UAUM (2012, 2014)

Um dispositivo fundamental na reconstrução da organização da cerca e dos espaços do convento são os sistemas hidráulicos. A partir de relatórios de escavações realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho – UAUM [Fontes, 2012; 2014] é possível identificar vestígios de circuitos hidráulicos dos séculos XVI (a vermelho) e XVIII (a azul), bem como especular sobre o seu possível funcionamento à época.

A principal fonte de abastecimento de água para o convento era uma nascente que chegava através de um aqueduto [1.] o qual, por sua vez, ligava com um tanque de armazenamento [2.] no tardo da Fonte do Terreiro [3.]. Este tanque servia um sistema de canais subterrâneos que, para além de fornecerem água para as actividades no interior do convento, aprovisionavam para a rega dos jardins e áreas de cultivo a norte e a nascente.

A partir da análise de vestígios arqueológicos, apresenta-se uma hipótese de reconstituição do sistema hidráulico do século XVI com um circuito que passava pelo claustro, ligando possivelmente ao *de profundis*, refeitório e cozinhas.

Já no século XVIII, as reminiscências encontradas apontam para a existência de dois circuitos a partir do tanque da Fonte do Terreiro: um primeiro, orientado para o claustro ligando posteriormente à sacristia; um segundo, ao longo da parede nascente, que servia o *de profundis*, o refeitório e o tanque da cozinha.

Ambas as hipóteses são conjecturais e, de acordo com o texto abaixo citado, estes circuitos seriam também aproveitados, por gravidade, para rega dos jardins, hortas e pomares na proximidade do edifício conventual, enquanto as restantes áreas da cerca seriam abastecidas por um ribeiro: “Parte das hortas se regam com a água do ribeiro [4.], e as mais com a que vem por canos ao chafariz do claustro [5.], depois ao tanque da cozinha [6.] e daí a outro

famoso, que está no terreiro do lavatório [7.] para esse efeito, (...) e se torna a recolher para dentro em um grande tanque povoado de muita quantidade de peixes (...)” [Santiago & Costa, 1762: 502].

Aponta-se uma possível localização para os referidos tanques, ressaltando, todavia, o seu teor especulativo por ausência de informação exacta. Destaca-se, também, a referência a um grande chafariz [8.] que ainda subsiste próximo do ribeiro [4.] a nascente, sem que dele se tenha encontrado notícia.

“No exterior, correndo paralela às alas sul e nascente, colocou-se a descoberto, numa extensão aproximada de 50 metros, uma caleira de adução de água, composta por elementos monolíticos de granito e parcialmente recoberta por lajes de pavimento, de excelente construção. Esta caleira, servida pelo tanque existente no logradouro meridional (no tardo da fonte de D. Diogo de Sousa, virada a adro da igreja de São Francisco/ São Jerónimo), integrava o sistema hidráulico conventual, ainda activo até ao abandono do edifício na década de 90 do século XX” [Fontes, 2012: 3].



1.



2.



7.



8.

Hipóteses de reconstituição

Sequência de evolução construtiva

A investigação desenvolvida e os estudos históricos e arqueológicos anteriores foram o suporte para o desenho de uma hipótese de evolução construtiva do conjunto São Frutuoso/São Francisco de Real:

[1.] Possível configuração do Mausoléu de São Frutuoso (século VII) com planta em cruz grega seguindo a orientação da centurição romana. Terá existido ali uma comunidade monástica que zelava as relíquias de São Frutuoso, as quais originaram um importante local de peregrinação até serem levadas para Compostela no início do século XII. É provável que, posteriormente, o conjunto edificado tenha atravessado um período de decadência e abandono. Supõe-se, ainda, que ao longo do tempo o mausoléu tenha sido alvo de sucessivas reconfigurações, adaptando-se às exigências espaciais do culto coevo.

[2.] Conjectura de reconstituição do Convento de São Francisco construído por D. Diogo de Sousa no século XVI, integrando o Mausoléu de São Frutuoso que passa a funcionar como igreja do convento. Hipoteticamente, o convento poderia ter um claustro com dimensões

próximas ao do século XVIII (embora com apenas dois pisos).

[3.] No século XVIII, o convento é reconstruído por acção de D. Rodrigo Moura Telles, verificando-se um aumento considerável das suas dimensões, já que em 1758 albergava cerca de quarenta frades [Capela 2003: 190]. É então edificada a Igreja de São Jerónimo seguindo o alinhamento da Capela São Frutuoso, que terá passado a capela lateral.

A evolução funcional do mausoléu ao longo deste trajecto milenar parece ter tido repercussões espaciais notórias que, naturalmente, acompanharam a correspondente transformação em igreja e capela, diluindo a sua peculiar arquitectura inicial (que foi sendo “normalizada” no sentido canónico dominante) e condicionando, de forma evidente, a relação do templo com o convento, aqui muito particularizada quando comparada com situações similares.

[4.] Com a extinção das ordens religiosas em 1834, a Igreja ficou afectada ao uso paroquial e o convento e a cerca são vendidos a particulares, tendo sido reconvertidos

em quinta agrícola. Nas décadas de 30 e 40 do século XX, o conjunto é objecto de obras de reconstituição por parte da DGEMN, que englobam a demolição de parte da ala sul (no ponto de articulação entre convento e igreja) para libertação visual da Capela de São Frutuoso que, após acesa polémica, é restituída à sua hipotética “feição primitiva”, segundo os princípios ideológicos da DGEMN. Nesta campanha foi aterrada a portaria e o acesso ao convento, bem como parte do claustro (destruindo, assim, a sua proporção original), criando-se uma plataforma que destaca o protagonismo do Mausoléu, em detrimento da estrutura conventual franciscana.

[5.] Em 1997, o Convento de São Francisco e quinta anexa foram adquiridos pela Câmara Municipal de Braga, instalando-se ali uma quinta pedagógica.

Actualmente pode observar-se o convento em ruínas e constatar a abertura de novas vias para suporte de recentes edificações na envolvente do convento, que interromperam o “caminho de frades” e o aqueduto, alterando profundamente a relação do edifício com o território.



FIGURA 13 Sequência hipotética da evolução construtiva do edifício



1. Século VII



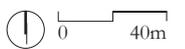
2. Século XVI



4. Século XX



5. 2015



Hipóteses de reconstituição

Convento no século XVI

A escassez de documentação sobre as edificações de época medieval, assim como sobre a configuração do Convento de São Francisco do século XVI, não permitiu avançar com desenhos conjecturais de reconstituição. Existe, contudo, alguma informação em relatórios de prospecção arqueológica [Fontes, 2012; 2014] – designadamente sobre sistemas hidráulicos, alicerces de construções a norte e remiscências nas alas norte e nascente – ou ainda nas memórias de D. Diogo de Sousa [Maurício, 2000: 301-303], que se referem já à cerca e a uma estrutura claustral com dois pisos que englobaria, também, a preexistente Capela de São Frutuoso.

“No anno de 1523 fez o dito senhor arcebispo da igreia de Sam Fructuoso e das casas que no assento delle tinha feitas hum mosteiro pera frades da Ordem de Sam Francisco da congregação da piedade no qual mosteiro fez a crasta de quatro naves de varandas e de columnas oliveladas e ladrilhadas e assy ladrilho o patjo da crasta de pedraria em lisonjas e fez no meo delle huã fonte de pedraria com vaso alto e asy fez capitulo, sancristia, choro, refeitório, e das casas que estavam feitas fez dormitório e enfermaria e privadas e debaixo cozinhas e lavatorjos e tanques com majores pumares e devesas que dantes tinha e assy lhe deu juntamente ornamentos, retavolos, roupa, e camas e todas as causas necessarias e mandou cerquar todo o dito mosteiro de pumar e orta de parede de pedra barro com seu alljaroç.

Fez de fora do dito mosteiro huã fonte de pedraria e assy os canos de pedraria por onde vem a agoa a ditta fonte da qual se reparte a agoa que vem pellos canos e ametade vem a dita fonte e outra metade vaj a dita crasta a fonte que nella estaa feita e asy arrançou grande penedia que estava à porta do dito mosteiro e fez huã casa muito boa pera aposentar os romeiros que vem a Sam Fructuoso.

Por tirar os freigueses da dita igreja de Sam Fructuoso por nom darem torvação aos frades fez a igreia de Sam Hieronimo de novo a qual

estaa ante que cheguem ao dito mosteiro com seu campanario, alpendre, capela olivellada e igreja ladrilhada e assi pinturas que nela estão os quoaís freigueses agora ouvem missa e recebem os sacramentos na dita igreja de Sam Jeronimo. A par da dita igreia de Sam Hieronimo fez huã fonte com seu arco e chafariç de ameas de pedraria como agora estaa.

Mandou fazer huã cruz de pedra de Vianna com seus degraos a par de Sam Fructuoso.

No anno de [mil] bxxxx [sic] mandou acrescentar a devesa de Sam Fructuoso a qual he cerquada de muito boa parede de pedra e o acrescentamento foj passar a dita devesa e cerqua della tambem de pedraria alem do rjo o qual fez vir pella dita devesa tam direito como huã levada e fez nella huã ponte de pedra para passarem de huã parte a outra o qual rio e ponte parece cousa fermosa das janellas do mosteiro.

Neste anno mandou o dito senhor fazer hum allpendre de novo a porta principal de Sam Fructuoso o qual he ladrilhado de cantaria com poyaes tambem d' esquadria olivellado sobre dez columnas com suas varas e capiteis.

Neste tempo mandou o dito senhor fazer de fora do tereiro ele Sam Fructuoso huã casa pera os peregrinos que a elle vierem muito boa e grande com sua chamine e banquos e mesas pera comerem e leitos em que possão dormir.”

MAURÍCIO, Rui - *O mecenato artístico de D. Diogo de Sousa arcebispo de Braga (1505-1532): urbanismo e arquitectura*. Leiria: Edições Magno, 2000, p. 301-103.



Sala do Capítulo, 2015

Hipóteses de reconstituição

Convento no século XVIII

Com recurso a uma metodologia própria à disciplina da Arquitectura são confrontadas, através de sínteses produzidas pelo desenho, as várias fontes disponíveis – informação textual historiográfica e documentos iconográficos (nomeadamente gravuras, fotografias e desenhos dos séculos XIX e XX) – com a observação *in loco* do existente. Ajustando escalas e comparando cronologias, sobrepondo leituras em registo de palimpsesto, ensaiam-se possíveis interpretações e uma hipótese de reconstituição do Convento de São Francisco de Real no século XVIII.

Entre os suportes ao desenho, destacam-se, em particular, algumas fotografias de obras da DGEMN, uma planta de São Frutuoso antes da reintegração da DGEMN [Moura Coutinho, 1931] [FIGURA 16] e uma restituição do Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas [SIPA: DGEMN/DREM, 1989] [FIGURA 15] que sobrepõe a planta do restauro de São Frutuoso a um desenho do que parece ser o claustro do convento anterior à intervenção DGEMN.

Para além destes elementos, uma gravura de finais do século XVIII (ou inícios do século XIX) [Moura Coutinho, 1978] [FIGURA 14] foi determinante para a reconstituição do alçado sul do convento do século XVIII. Nesta imagem, pode observar-se um edifício com altura de três pisos, o campanário adossado à fachada e a *loggia* no ângulo sudoeste, voltada a Braga.

Por outro lado, o desenho conjectural apoia-se também em estudos de exploração métrica e geométrica, em hipótese de sequência cronológica e na comparação com outros conventos franciscanos da mesma época e região. Foram ainda determinantes na reconstituição duas fontes documentais que descrevem a estrutura conventual: as Crónicas da Província da Soledade (1762) e o Inventário de extinção do Convento de São Francisco (1834).

Nesta hipótese releva-se, entre outros aspectos, o circuito original de entrada principal no convento a partir do terreiro [1.] e através da galilé [2.] ligando à portaria [3.] que, por sua vez, dava acesso ao claustro [4.] e à Casa do Capítulo [5.]. A Capela de São Frutuoso [6.] teria acesso pela Igreja de São Jerónimo [7.], e, possivelmente, teria também uma ligação mais directa e quotidiana a partir do convento, como sugerem as escadas no desenho de levantamento de Moura Coutinho. Todo este sector adjacente ao mausoléu, e situado à cota do claustro, foi aterrado nas obras de restauro levadas a cabo pela DGEMN.

As Crónicas da Província da Soledade (1762) descrevem a campanha de reedificação dos séculos XVII e XVIII, explicitando que “no ano de 1678 como [se] determinasse por ali Colégio” (ou Noviciado, possivelmente transferido do Convento de São Francisco de Azurara em Vila do Conde), “que até hoje sempre ali permanece, para este efeito se acrescentaram o Refeitório [8.], e um dormitório [10.] com seis celas” [Santiago & Costa, 1762: 503]. Do cruzamento com a descrição de 1834, parece-nos que estes espaços se situariam na ala norte.

Mais tarde, já sob acção de D. Rodrigo Moura Telles, “pelos anos de 1708 se fez o dormitório maior do Convento de Braga, e no fim dele Livraria [11.], e Aula [12.] – por localizar –, renovou-se o Refeitório, e mais oficinas [13.], que estão por baixo do mesmo dormitório” [Santiago & Costa, 1762: 504].

Do mesmo documento depreende-se que a “*Caza da Aula*” irá ocupar o local da “*Sacristia antiga*” que, possivelmente, se localizava a norte da Capela de São Frutuoso, antes das demolições e restauros da DGEMN: “a *Sacristia*, que hoje serve de *Aula*, e fazer o *Santuário das Relíquias*, que hoje está na *Sacristia nova*, para onde se mudou da *antiga*” [Santiago & Costa, 1762: 506]. Julga-se que a “*nova Sacristia*” corresponderá à actualmente existente.

Embora se avance com uma hipótese de localização destes espaços, a informação existente não é suficientemente explícita, pelo que as conjecturas levantadas terão de ser verificadas e apuradas em estudos futuros.

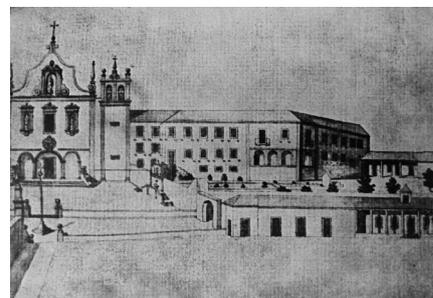


FIGURA 14 Gravura do Convento de São Francisco s/d publicada por Moura Coutinho, 1978

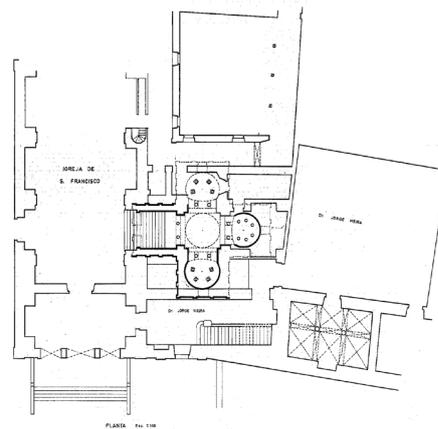


FIGURA 15 Planta SIPA: DGEMN/DREM, 1989

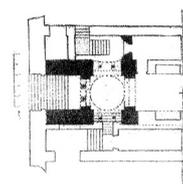
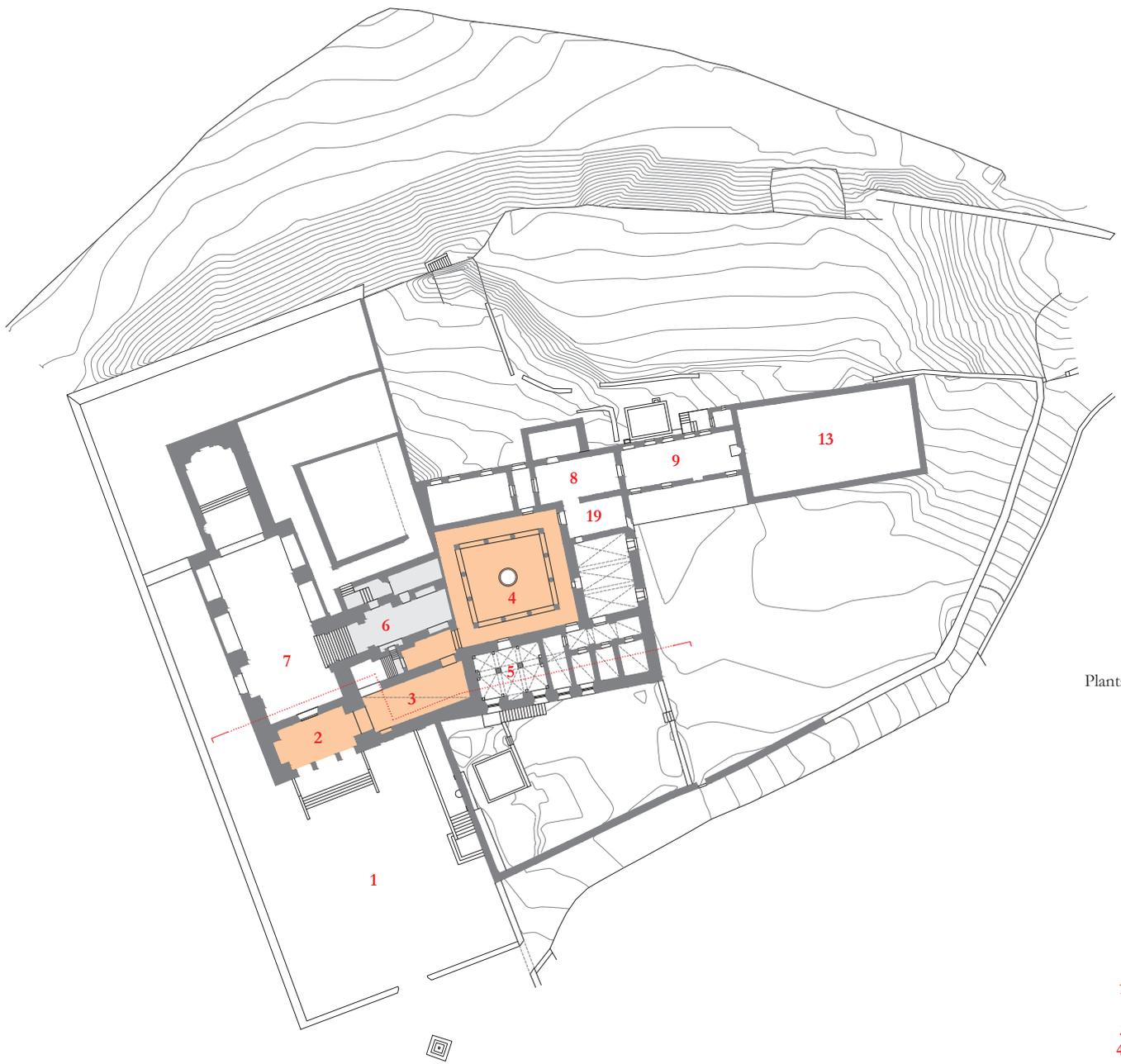


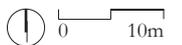
FIGURA 16 Levantamento da capela de São Frutuoso antes da intervenção de restauro por João de Moura Coutinho, 1931



Planta do piso 1

- 1. Terreiro
- 2. Galilé
- 3. Portaria
- 4. Claustro
- 5. Casa do Capítulo
- 6. Capela de São Frutuoso
- 7. Igreja de São Jerónimo
- 8. Refeitório
- 9. Cozinha
- 10. Dormitório
- 11. Livraria
- 12. Aula
- 13. Oficinas
- 14. Sala do Guardião
- 15. Entrada para o Coro-Alto
- 16. Coro-Alto
- 17. Campanário
- 18. Loggia
- 19. Escada Regral

FIGURA 17 Hipótese de reconstituição do convento no séc. XVIII



Hipóteses de reconstituição

As Crónicas da Província da Soledade (1762) incluem ainda uma referência interessante sobre a relação entre a Capela de São Frutuoso e a nova igreja de São Jerónimo, construída a partir de 1728, assim como sobre o destino das colunas que conformavam o antigo mausoléu:

“Não nos consta com certeza quando da Igreja antiga de São Frutuoso foram diminuídas as vinte e quatro colunas. (...) Hoje não tem a dita Igreja mais que seis colunas, duas, que correspondem à porta principal, e duas ao colateral da parte da Epístola, e duas ao da parte do Evangelho, e o zimbório maior; que os outros se desfizeram com factura da nova Igreja, à entrada da qual da parte de dentro ao lado da Epístola fica a antiga, que se conserva por memória em veneração do sepulcro de São Frutuoso, que nela está, e para ela se sobe por quatorze degraus, que principiam por um largo, famoso, e vistoso arco (...) As colunas, que se tiraram da Igreja antiga, estão servindo no Convento em várias partes” [Santiago & Costa, 1762: 504-505].

O Inventário de extinção do Convento de São Francisco (1834) é também uma fonte essencial para a interpretação da organização funcional do antigo convento, na medida em que inclui a descrição de espaços, mobiliário e objectos constantes nos espaços ligados ao culto – Igreja, São Frutuoso, Sacristia, Aula, Entrada da Igreja, Casa do Capítulo – e nas dependências conventuais – Salla do Guardiã [14.], Salla dos Habitos, Dormitório da Enfermaria, Dormitório do Colégio da parte da Enfermaria, Sala de Barbear, Salla das Quatro Camas do Dormitório, Corredor de baixo dos Leigos, Entrada para o Coro [15.], Refectório, Cozinha da Dispensa, Casa do Celeiro, Casa da Adega, Casa da Carpenteria, Casa do Forno.

O documento integra também algumas descrições gerais do edifício e cerca conventual, fundamentais para a interpretação e reconstituição dos seus espaços, como a que se reporta:

“Convento

Item virão os Louvados este Convento de São

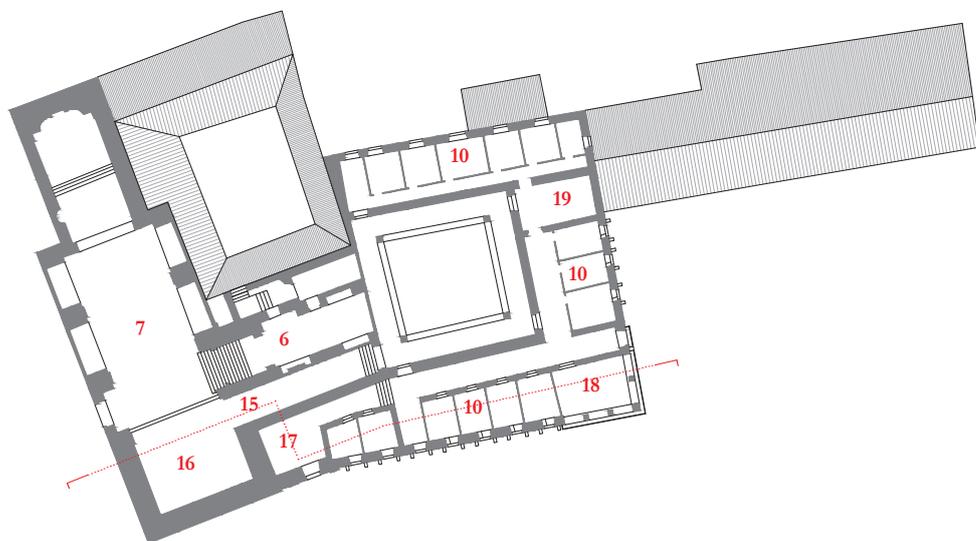
Frutuoso, que tem para o Sul, a sua frontaria de dois andares com janelas de peitoril e rasgadas para Nascente e Norte, e com sua Varanda com vistas para o Sul e Nascente, e por este lado tem dois Dormitórios com seus competentes cubiculos. Da parte do Norte se acha o Dormitório do Collegio com seus corredores, e cubiculos já bastantemente arruinados em sobrados, e telhados com as telhas/sellas[?] da hospedaria, enfermaria, e da Livraria, achando-se esta com duas portas rasgadas, que tem muito arruinadas. Nos baixos do Edifício para o Norte se acha a Casa da Adega e do Celleiro, com suas frestas, e a Casa do Refectório, com quatro frestas, e suas vidraças, Cozinha da Cozinha, emediato a Casa da Despensa com suas frestas. Item nos mesmos baixos do Convento Lojas de arrumação de lenhas madeiras, cortes de gado, e animais, Casa da Carpenteria, e Lojas pequenas de arrumação. Entre o Refectório e Cozinha tem uma loja com duas portas que dão de montra para a Cozinha, Refectório e para as Logeas do mesmo convento, que ficam ao Norte, e sua vidraça a Nascente. E mais tem no terreiro da frente do Refectório huma caça terrea com três portas e hum tabuleiro, divididos cada huma sobre si, e em huma dellas se acha o Forno em que se cozia pao para os serventes do Convento. No centro deste edificio se acha um Claustro quadrado, antigo com seu chafariz no meio, e por elle hé que se faz entrada, e sabida pela Portaria que fica do lado da Igreja, tendo também outra serventia pelo terreiro do Convento e sabida pelo Portal que existe do lado Poente da Igreja. E assim lhe davao de valor a quantia de dez contos de Reis. Appenso G.

Em cumprimento do Mandato (...) que nos foi apresentado a nos Louvados abaixo assignados fomos ao Convento de São Frutuoso. Abi vimos e avaliamos huma Porta da entrada, que fica junta à Igreja no lado do Sul, por onde se entra para uma loge que tem no fim de ella hum oratorio, e duas frestas, e com huma Porta, que dá servidão para o claustro e deste se serve para todo o Convento com seus corredores, e loges, e suas frestas com sua Cozinha que fica ao lado do Norte, e Refectório, Casa de Dispença e Adega, e tem no mesmo lado do Norte hum corredor de Nascente a Poente com seus cubiculos, e Janellas,

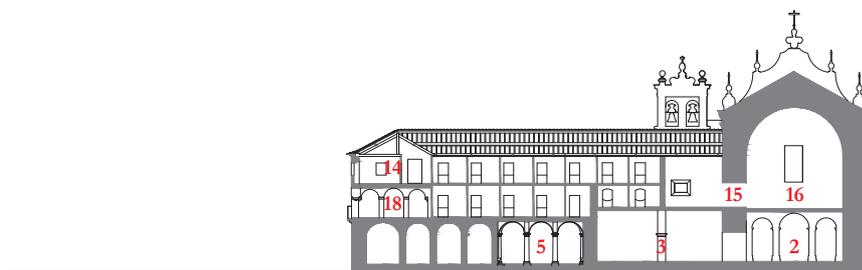
e pelo lado do Nascente tem hum corredor com seus cobicollos, e Janellas, e pelo lado do Sul de Nascente a Poente tem hum corredor com seus cobicollos e Janella, e pelo lado do Poente tem hum corredor junto ao claustro com seu chafariz no meio de deitar agua, cujo convento se acha em parte arruinado; e achamos seu valor dez contos de reis e não lhe damos rendimento. Confrontados a sul com o jardim, o caminho que vai de São Jeronimo para São Martinho e do Nascente com a Cerca e do Norte com a mesma cerca e do Poente confronta com a Igreja do mesmo convento E desta forma damos nossas determinações, como entendemos debaixo do Juramento que recebido temos e nos signamos Luiz da Costa, Domingos de Souza e do Louvado Domingos José da Costa.”

Inventário de extinção do convento de São Frutuoso em Braga, Ministério das Finanças, Convento de São Frutuoso de Braga, cx. 2201, in Arquivo Nacional Torre do Tombo, Hospício de São Francisco de Braga, cx. 2202 (código de referência: PT-TT-MF/DGFP/E/1/00066)

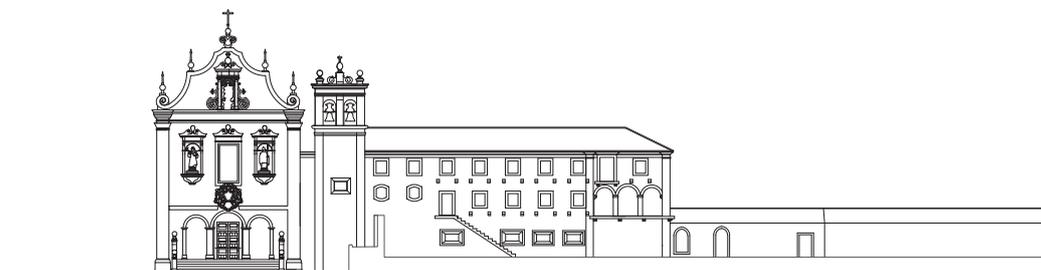
1. Terreiro
2. Galilé
3. Portaria
4. Claustro
5. Casa do Capítulo
6. Capela de São Frutuoso
7. Igreja de São Jerónimo
8. Refeitório
9. Cozinha
10. Dormitório
11. Livraria
12. Aula
13. Oficinas
14. Sala do Guardiã
15. Entrada para o Coro-Alto
16. Coro-Alto
17. Campanário
18. Loggia
19. Escada Regral



Planta do piso 2

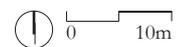


Corte longitudinal da ala sul



Alçado sul

FIGURA 18 Hipótese de reconstituição do convento no séc. XVIII



Hipóteses de reconstituição

Intervenções no século XX

As fotografias do restauro da DGEMN [SIPA: DGEMN/DREM] são uma fonte imprescindível de suporte à interpretação da configuração e funcionamento da antiga estrutura conventual. Da sua análise comentada, que complementa e verifica a interpretação dos desenhos efectuados no âmbito desta investigação, podem observar-se:

- [1.] As reminiscências da portaria (por baixo do mesmo corredor) à qual se acedia a partir da galilé;
- [2.] Os vestígios do antigo corredor de acesso ao coro-alto demolido pela DGEMN;
- [3.] O interior de São Frutuoso, funcionando como capela antes do restauro da DGEMN, que vemos na fotografia de Marques de Abreu [Barreiros, 1919: s.p.];
- [4.] A demolição do campanário (a amarelo) que é desmontado e deslocado para o lado poente da Igreja de São Jerónimo;
- [5.] A “restituição” da Capela de São Frutuoso durante o restauro da DGEMN (a vermelho).

“Entrada da Igreja

Item dentro da Portaria huns vinte passos à frente da mesma existe um Altar dos Mártires de Marrocos (...);

Item existe por baixo dos Claustros huma Caça chamada do Capitulo dentro da qual está huma Capella da invocação de San Francisco cuja imagem se acha abi colocada em grande vulto e mais trez Imagens tão corrompidas pelo tempo que apenas, ou [...] apenas se reconhecem como taes, sendo certo que são, por se acharem [...] humas, outras quebradas, muito indecentes e sem duvida dignas por este motivo de se recolherem à Igreja (...).

Item há nesta Igreja um Campanario assas elevado com seus sinos, hum grande e outro pequeno.

Item a entrada do Coro hum quadro de oito ou nove palmos e vinte e sete de largo em que se acham pintadas trez imagens a saber de Nossa Senhora (...).

Aula

Item há nesta Caça da Aula quatro quadros dous de Nossa Senhora e mais dous, hum de Sam Francisco, outro de Sam Boaventura; munto boas pinturas principalmente são munto bem encaixilhados, os quaes por serem anónimos mandou elle Senhor Menistro depositar na Sacrestia da Igreja deste extinto Convento (...).

São Frutuoso

Item na Capella de Sam Frutuozo que fica ao lado da Epistola logo depois da entrada da Igreja se achao trez Imagens colocadas no altar da dita Capela, duas, sendo huma de Santo Antonio e outra de Sam Francisco, e a terceira de Sam Frutuozo junto do seu sepulcro, e que por tradição se diz e se considera como tal, cujo sepulcro se acha fechado por huma grade de ferro, há abi hum altar que não tem pedra d'ara, e acha-se coberto com huma toalha ordinaria com sua (...).“

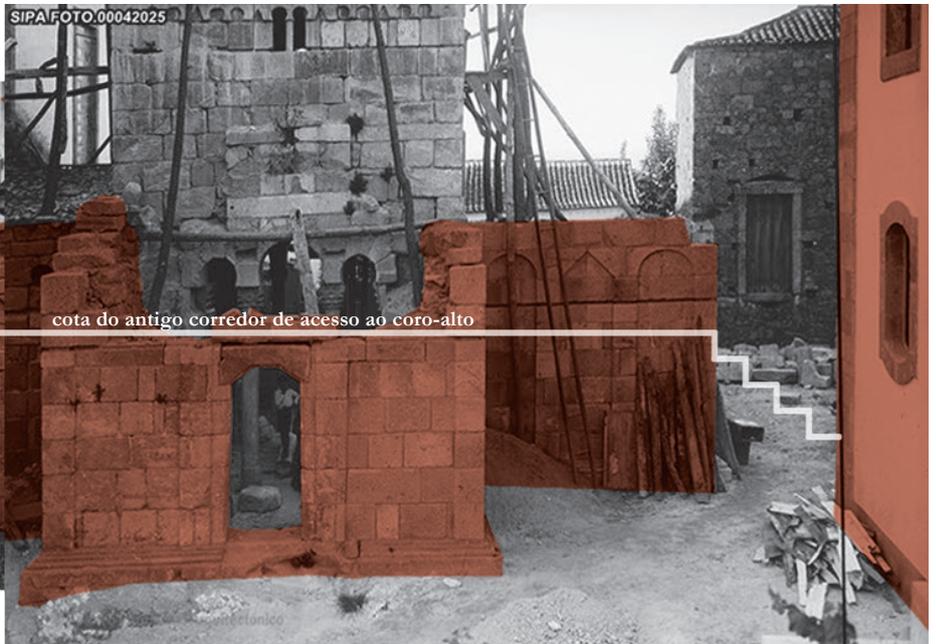
Inventário de extinção do convento de São Frutuoso em Braga, Ministério das Finanças, Convento de São Frutuoso de Braga, cx. 2201, in Arquivo Nacional Torre do Tombo, Hospício de São Francisco de Braga, cx. 2202 (código de referência: PT-TT-MF/DGFP/E/1/00066)



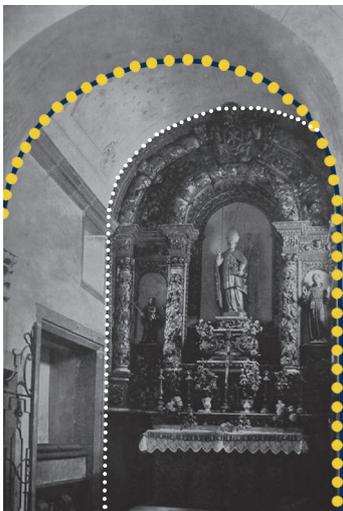
FIGURA 19 Síntese | corte longitudinal da ala sul do convento



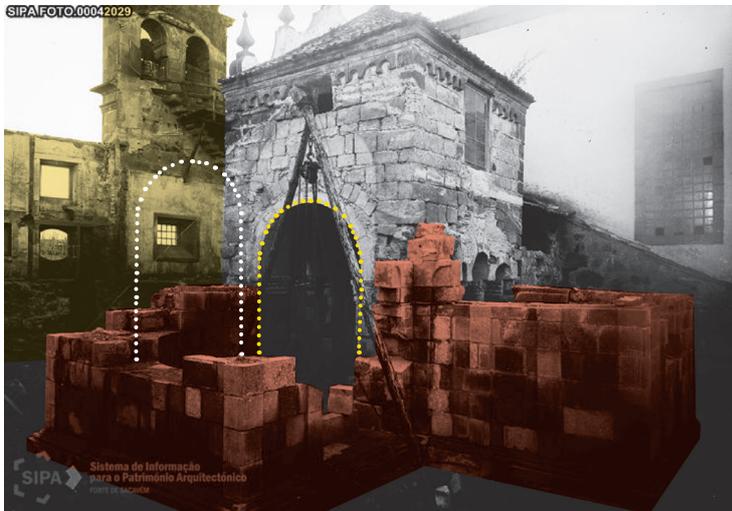
1.



2.



3.



4. | 5.

FIGURA 20 Interpretação de fotografias do restauro pela DGEMN

Hipóteses de reconstituição

Não cabe a este estudo detalhar sobre a controvérsia das intervenções e do debate em torno do restauro da Capela de São Frutuoso durante a primeira metade do século XX [Tomé, 2000: 373-377; Brito, 2001: 223-277, entre outros]. Os elementos aqui sucintamente apresentados pretendem apenas ilustrar algumas conjecturas e projectos, com o objectivo de melhor interpretar as permanências e transformações deste monumento, que se considera fundamental para a compreensão da trajectória construtiva do Convento de São Francisco de Real.

Em finais do século XIX, o arquitecto Ernesto Korrodi foi o primeiro a despertar o interesse para a raridade e antiguidade da Capela de São Frutuoso - então muito alterada pelas obras de que tinha sido objecto ao longo dos séculos - propondo desenhos para a sua forma primitiva [Korrodi, 1898]. Designando-o de “monumento latino-bizantino”, apresenta-o como uma igreja basilical de três naves com o altar a nascente [2.], que integra as vinte e quatro colunas referenciadas em descrição do século XVIII [Santiago e Costa, 1762: 504-505].

Alguns anos depois, o cônego Aguiar Barreiros tenta clarificar o desenho da antiga capela e, suportado em pesquisa documental, propõe um desenho de reconstituição da planta em forma de cruz grega, à qual adossa um alpendre com dez colunas [3.], seguindo a referência das memórias de D. Diogo de Sousa [Barreiros, 1919].

Será o estudioso local João de Moura Coutinho, com o apoio do médico Jerónimo Sousa Louro, a iniciar o restauro da Capela (1931-1932), defendendo ter esta sido construída por São Frutuoso para seu mausoléu segundo o modelo de Gala Placídia de Ravena [1.] [Moura Coutinho, 1931; Moura Coutinho, 1978]. Foram então realizadas sondagens desmontando o aparelho construtivo e colocando a descoberto vestígios correspondentes ao primitivo templo, que fundamentam

o seu desenho de reconstituição [4.] em planta em cruz grega, com quatro capelas (três das quais com a arcaria de transição em arco ultrapassado) organizadas em torno de um corpo central mais elevado que corresponderia à primitiva construção [Coutinho, 1931].

A intervenção da DGEMN entre 1932-1938 (Baltazar de Castro, desde 1932) e 1938-1959 (Rogério de Azevedo, 1938-1940; Alberto Bessa, desde 1940) vai seguir os princípios de restauro vigentes na época, assentes na reintegração da unidade estilística primitiva - designadamente, a reconstituição total da planta, por simetria, a partir dos vestígios encontrados - e libertando o templo dos acrescentos e alterações decorrentes da intervenção barroca [Tomé, 2000: 373:374].

Em 1939, Rogério de Azevedo defende o restauro integral do monumento, incluindo a reconstituição da fachada principal e propõe o isolamento do edifício num *podium* ou uma plataforma de nível [5.], que implicaria a transferência para outro lugar da Igreja de São Jerónimo. Este ambicioso projecto, inicialmente apoiado pelo director da DGEMN, Gomes da Silva, foi depois abandonado e a intervenção desenvolve-se até a um nível próximo do que hoje observamos, ou seja, demolindo parte do edifício conventual mas mantendo a Igreja de São Jerónimo. É então executada a porta lateral Sul do templo, que não consta nos desenhos de Moura Coutinho nem de Rogério de Azevedo, o que revela a incerteza quanto à sua existência anterior [Tomé, 2000: 374].

Por fim, refere-se ainda a polémica relativa à datação da construção primitiva de São Frutuoso e respectiva classificação estilística (oscilando entre os séculos VII e X, ou seja, entre o “visigótico” e o “moçárabe”), nomeadamente nas posições divergentes de Moura Coutinho e de Manuel Monteiro publicadas pelo jornal *Correio do Minho* em 1949. Esta discussão tem vindo a ser esclarecida pelas escavações e estudos recentes levados a cabo

pela UAUM que, ao identificar vestígios arqueológicos do século VII, comprovou não só a origem visigótica do conjunto, como também as sucessivas alterações e adaptações do monumento; deste modo, propõe-se a sua interpretação como repositório dessas sobreposições inerentes à sua estratificação milenar.

Em 1958, após a visita do ministro das Obras Públicas, Arantes e Oliveira, Gomes da Silva determina a conclusão dos trabalhos (suspendendo as reintegrações) e, em 1959, a intervenção é dada por concluída [Tomé, 2000: 375].

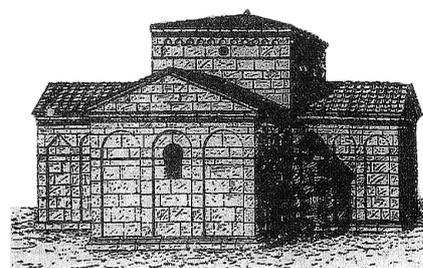


FIGURA 21 Reconstituição por João de Moura Coutinho, 1931



FIGURA 22 Mausoléu de Galla Placidia, postal enviado pelo Arquitecto Baltazar de Castro ao Arquitecto Rogério de Azevedo, 1938

1. Desenho de reconstituição por Ernesto Korrodi, 1898
2. Desenho de reconstituição por Aguiar Barreiros, 1918
3. Desenho de levantamento antes da intervenção da DGEMN por João de Moura Coutinho, 1931
4. Planta de São Frutuoso por João de Moura Coutinho
5. Projecto de restauro por Rogério de Azevedo, 1939
6. Axonometria do projecto de restauro por Rogério de Azevedo, 1939

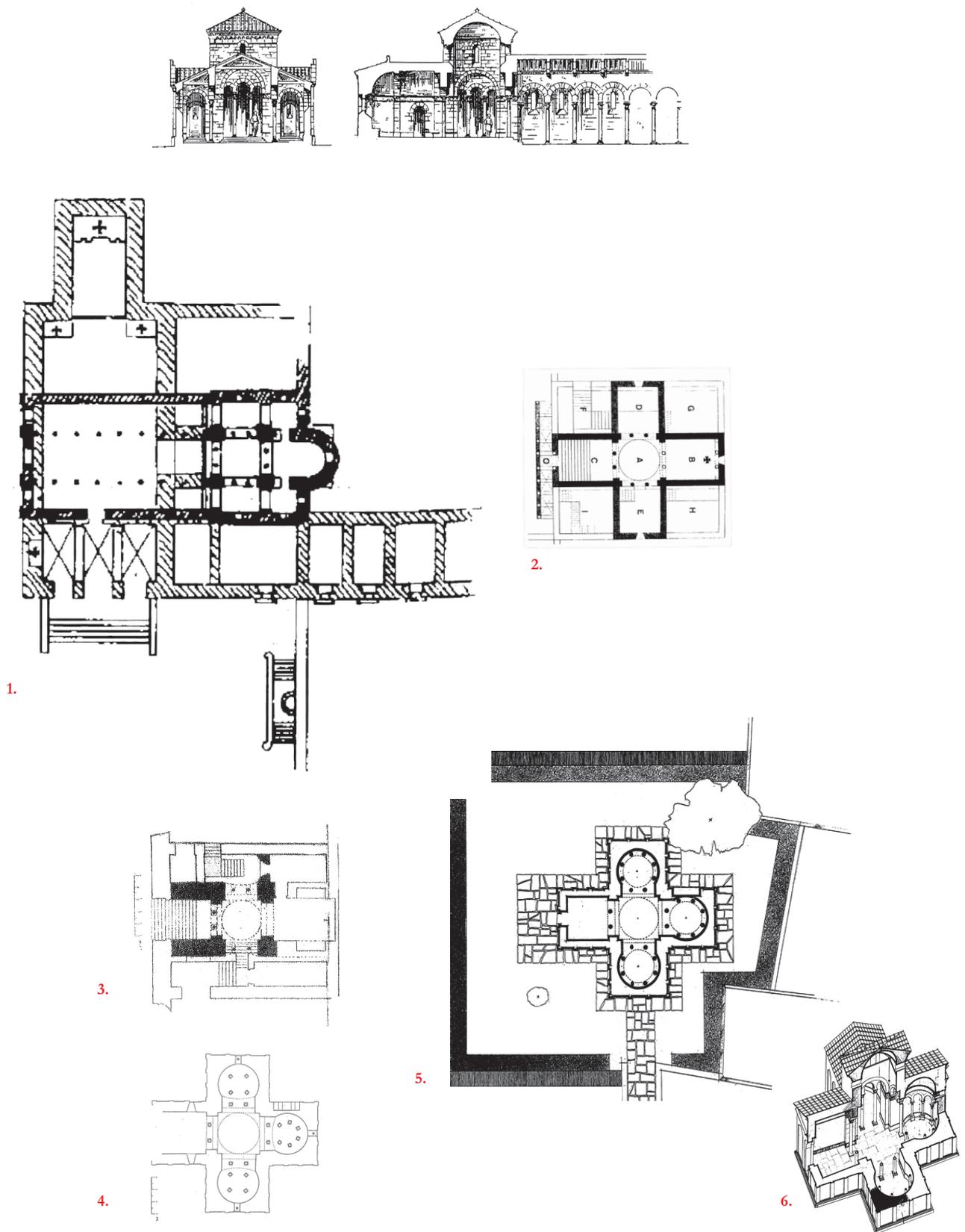


FIGURA 23 São Frutuoso de Montélios: reconstruções, levantamentos e projectos de restauro

Hipóteses de reconstituição

Síntese cronológica

Em desenho síntese representa-se a sobreposição entre o que se pensa ter sido o Convento de São Francisco no século XVIII (a amarelo), o estado actual (a cinzento) e as intervenções de reintegração e valorização do Mausoléu de São Frutuoso pela DGEMN (a vermelho). Esta última intervenção resultou na desconsideração evidente do convento que foi alvo de demolições e amputações, inclusive ao ponto de truncar parte do claustro, desvirtuando a sua escala e proporção.

Por outro lado, ao aterrar a portaria, foi excluída a possibilidade de acesso ao Convento de São Francisco a partir da galilé da Igreja de S. Jerónimo, como sucedeu durante vários séculos, facto que contribuiu para o isolamento e esquecimento a que o edifício foi votado desde o restauro da DGEMN até aos nossos dias.

Numa comparação entre a gravura antiga [1.] e a sobreposição de fotografias de 1975 e de 2014 [2.] podem tirar-se algumas ilações sobre o impacto visual da intervenção da DGEMN: seja na transladação do campanário da fachada principal para o tardoaz poente junto à capela mor, seja na libertação e destaque do Mausoléu de São Frutuoso numa plataforma elevada – enfatizando a visibilidade do monumento a partir do espaço público – que marca profundamente a condição actual.

Referem-se ainda outras diferenças decorrentes da análise destas imagens, como a inversão da posição da escada no alçado sul e a existência de uma porta sob a varanda no alçado nascente que, pela ausência de um tramo da *loggia* no alçado nascente da gravura, não foi possível confirmar se se trata de um erro de representação, ou se este vão foi aberto posteriormente.

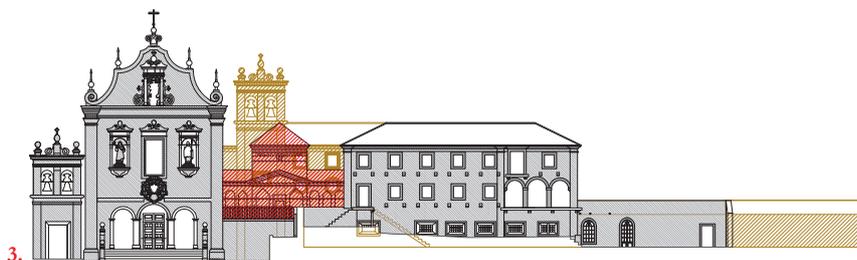
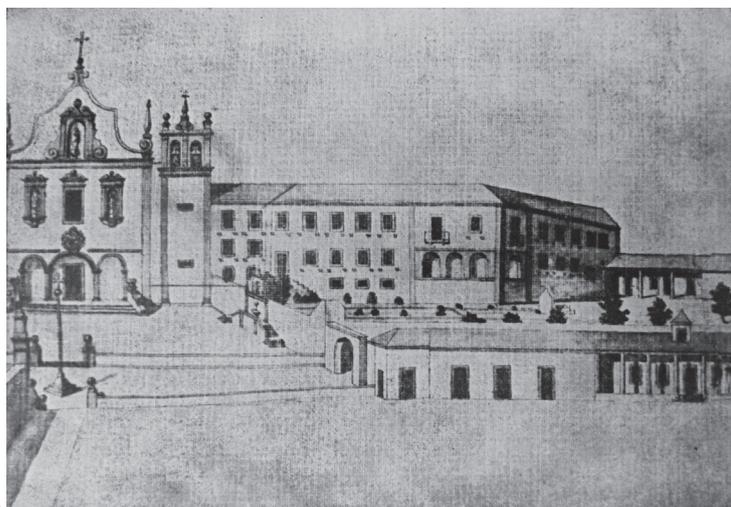
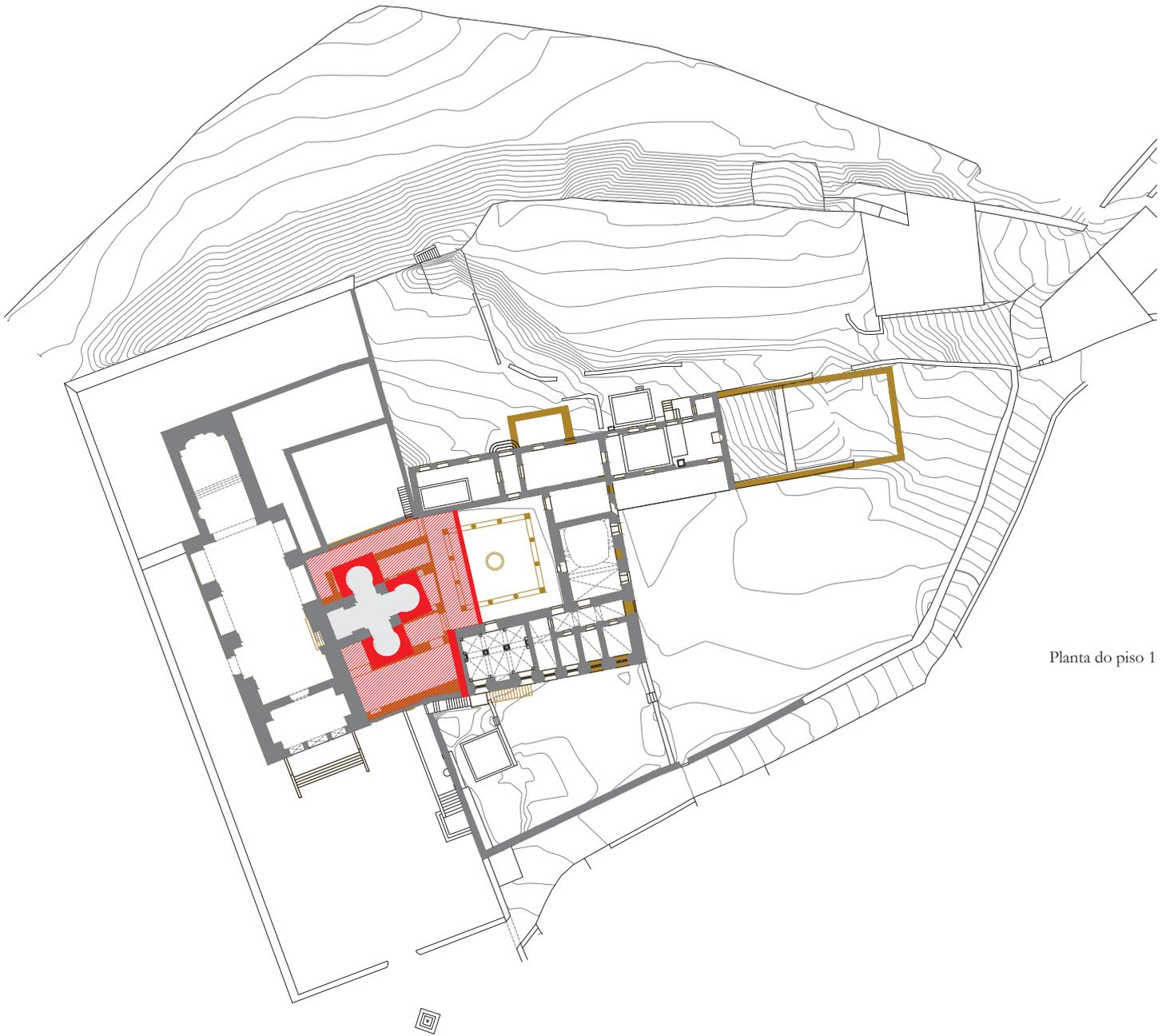
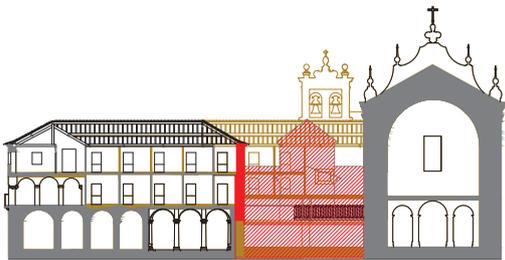


FIGURA 24 Comparação de alçados: 1. Gravura do Convento de São Francisco s/d publicada por Moura Coutinho, 1931 2. Sobreposição de fotografias 1975/2014 3. Alçado síntese

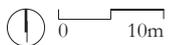


Planta do piso 1



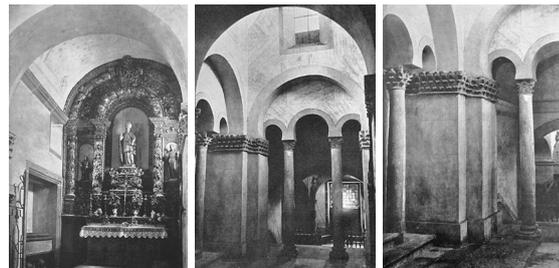
Corte longitudinal da ala sul

FIGURA 25 Planta e corte síntese das intervenções no Convento de São Francisco de Real



Hipóteses de reconstituição

Cronologia fotográfica | Século XX



1919



1952



1962



1964



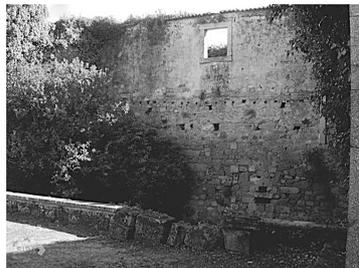
1975



1981



1981



2003

Comparação com outros conjuntos monásticos

A abordagem metodológica desenvolvida no estudo do Convento de São Francisco de Real incluiu a comparação com outros conventos franciscanos observantes da mesma região, como Santa Maria dos Anjos de Azurara (Vila do Conde) [2.], São Francisco da Franqueira (Barcelos) [3.], Santo António de Caminha [4.], Santo António de Viana do Castelo [5.], Nossa Senhora da Conceição de Melgaço [6.], Nossa Senhora da Glória de Monção [7.], entre outros.

É de referir que todas as estruturas analisadas foram objecto de amplas campanhas de reconstrução nos séculos XVII e XVIII, como é também o caso de São Francisco de Real. O estudo comparativo demonstrou que vários conventos franciscanos apresentam semelhanças tipológicas e compositivas, remetendo para a possível existência de um “modo” capucho neste tipo de arquitectura conventual já sugerida em estudos anteriores [Medinas, 2004; Figueiredo, 2008].

Do confronto entre os conventos franciscanos analisados podem, assim, observar-se algumas constantes: o alçado principal do conjunto, com galilé na fachada da igreja à qual se adossa o campanário; uma composição regular dos alçados com vãos quadrangulares correspondentes às celas e marcação diferenciada dos cunhais pela janela regal do corredor de circulação ou pela varanda e, por vezes, do corpo da portaria que pode ganhar autonomia. Estas constantes podem verificar-se, inclusive, em situações mais remotas, como o convento de São Francisco de Olinda no Brasil [8.], reconstruído em 1654 [Rower, 1947: 55-56].

Também ao nível espacial e arquitectónico estas estruturas reflectem o ideal de austeridade e essencialidade proclamado por São Francisco, designadamente na exiguidade dos espaços, na simplicidade dos materiais empregues e na robustez dos detalhes arquitectónicos [Abreu, 2013: 976]. Segundo Susana Abreu, as arqui-

tecturas franciscanas reflectem mesmo uma vontade de “*regresso às origens*” ligada também à redescoberta do tratado de Vitruvius, que poderá talvez explicar como a opção ética (e estética) “*que subjaz à modéstia destas construções (...) tem a capacidade de significar a vontade eremítica de fuga mundi (...) banindo o elaborado e o artificioso*” [Abreu, 2013: 987].



1.

1. São Francisco de Real, Braga
[Gravura s/d publicada por Moura Coutinho, 1931]

2. Santa Maria dos Anjos de Azurara, Vila do Conde
[SIPA: DGEMN/DREMNI]

3. São Francisco da Franqueira, Barcelos
[SIPA: DGEMN/DREMNI]

4. Santo António, Caminha
[Disponível em: http://www.paroquiadecaminha.com/?m=a_paroquia&cid=1976
(Consultado a 2/11/2015)]

5. Santo António, Viana do Castelo
[SIPA: DGEMN/DREMNI]

6. Nossa Senhora da Conceição, Melgaço
[Disponível em: <http://iasousa.blogs.sapo.pt/72503.html>
(Consultado a 2/11/2015)]

7. Nossa Senhora da Glória, Monção
[SIPA: DGEMN/DREMNI]

8. São Francisco de Olinda, Brasil
[Disponível em: <https://arquiabrasil.wordpress.com/arquitetura-colonial/>
(Consultado a 2/11/2015)]



2.



3.



4.



5.



6.



7.



8.

FIGURA 26 Comparação com outros conjuntos monásticos: fachadas

Comparação com outros conventos

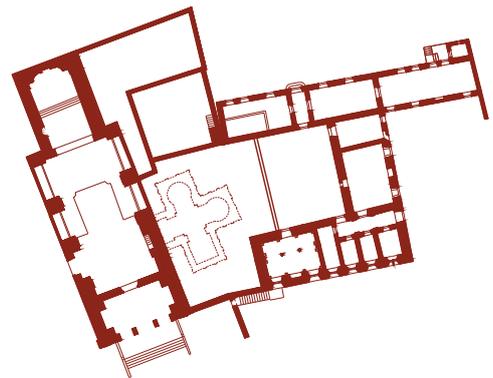
Análise tipo-morfológica

Numa análise tipo-morfológica foi feita a comparação a escala semelhante entre São Francisco de Real (a vermelho) e outros conventos franciscanos observantes da mesma região pertencentes à Província Capucha da Conceição, com reformas durante os séculos XVII e XVIII (a preto). Para tal propósito, redesenharam-se e sobrepuseram-se as respectivas plantas à escala 1:500.

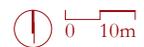
Este confronto expôs um modelo compositivo comum assente numa série de invariantes, genericamente presentes nos edifícios observados, tais como: as dimensões dos claustros, aproximadamente coincidentes, o mesmo acontecendo com o claustro de São Francisco, se nos abstrairmos do muro construído pela DGEMN no século XX (a justaposição a uma escala mais próxima revela algumas diferenças dimensionais inclusive porque os claustros, por vezes, não conformam quadrados perfeitos); a largura das alas, designadamente, a menor profundidade da ala perpendicular à capela-mor relativamente à ala oposta, da portaria; já a ala paralela à igreja poderia aumentar de profundidade para receber a escada regral.

A largura da igreja também parece ser semelhante na maioria dos casos, coincidindo com a dimensão do lado do quadrado que define o claustro. No caso de São Francisco, curiosamente, essa largura é igual ao perímetro actual do Mausoléu de São Frutuoso, revelando que a reconstituição efectuada pela DGEMN teve em atenção essas constantes dimensionais.

Por fim, nota-se que o crescimento de corpos anexos tende a seguir uma direcção transversal à igreja, como acontece no caso de São Francisco (neste caso, para nascente).

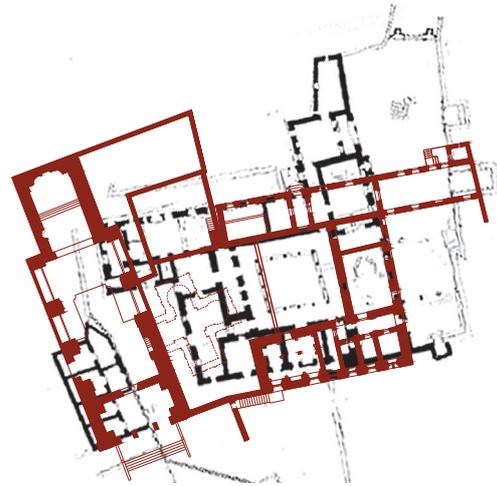


São Francisco de Real, Braga

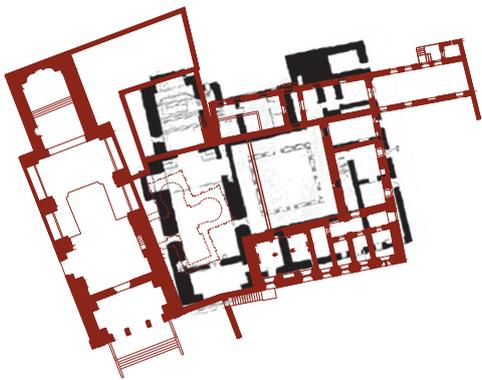




Nossa Senhora da Conceição, Melgaço



São Francisco do Monte, Viana do Castelo



Santo António, Vila Cova de Alva



São Francisco, Lamego



Nossa Senhora de Mosteiró, Cerdal



Santo António, Pinhel

FIGURA 27 Análise tipo-morfológica | Sobreposição de plantas a escala aproximada

Comparação com outros conventos

Análise da organização funcional

A partir da comparação da organização funcional com alguns conventos capuchos da Província da Conceição [Figueiredo, 2008] podemos também extrapolar sobre uma matriz de organização funcional.

No piso térreo verifica-se, em geral, uma sequência de entrada a pé a partir da galilé da igreja que dá acesso à portaria; sucessivamente, em redor do claustro, dispõem-se o corredor dos confessorários (ao longo da parede da igreja), a Sala do Capítulo, a escada regral (na ala oposta à igreja), o *de profundis*, o refeitório e a cozinha. Os espaços destinados a oficinas e armazenamento desenvolvem-se em alas ou edifícios anexos ou, no caso de estruturas mais pequenas, em redor do claustro com ligação ao exterior [Figueiredo, 2008; Vieira e Lacerda, 2009].

Nos pisos superiores encontram-se os dormitórios, organizados em celas, e a ligação ao coro-alto. Os dormitórios são acessíveis por corredores de distribuição e circulação rematados nos topos com portas servidas por varandas, as “janelas regrais”, que, para além de garantirem a iluminação natural, aumentam a sensação de profundidade e criam enfiamentos visuais de relação com o exterior.

A livraria e a enfermaria podem encontrar-se tanto nos pisos superiores (situação mais comum), como no piso térreo ou em corpos autónomos [Figueiredo, 2008: 183].

É ainda de referir, no que respeita às estruturas monástico-conventuais, a importância do claustro como centro físico e simbólico, espaço de circulação e de meditação, cujo movimento circular remete para a ascese espiritual, reforçado geralmente pela posição de uma fonte ou chafariz no centro do recinto. No caso de São Francisco de Real, em virtude da sua situação de ruína e, também, da intervenção da DGEMN que o negligenciou, já não é possível uma leitura íntegra da espacialidade do seu claustro.

O convento em análise segue, de um modo geral, o esquema funcional de outros conventos franciscanos da região, apresentando, contudo, algumas especificidades que se prendem essencialmente com a presença de São Frutuoso. Por conseguinte, por o claustro não estar adossado à igreja mas sim à Capela de São Frutuoso (que se encontra implantada 2,50m acima), o dispositivo arquitectónico do corredor dos confessorários não se

encontra organizado como é habitual nos conventos capuchos. Este facto reflecte, assim, a capacidade de adaptação do “modelo” a cada circunstância específica.

Por outro lado, se noutros conventos franciscanos a escada regral surge, em geral, alinhada com o corredor do claustro na ala paralela à igreja, no caso de São Francisco de Real - não sabemos se devido à integração de preexistências - a escada surge perpendicularmente à circulação do claustro e englobada num dos tramos da ala nascente.

Neste convento verifica-se ainda a existência, no ângulo sudeste, de um conjunto de espaços com entrada autónoma a partir do exterior (não se sabe se aberta posteriormente) - nomeadamente uma sala abobadada designada no presente estudo por Sala da Figueira e quatro cubículos rectangulares e abobadados - que não foi possível identificar noutros conventos franciscanos.

O Inventário de extinção de 1834 inclui um elenco exaustivo dos espaços do Convento de São Francisco de Real; todavia, por falta de coerência entre fontes, nem sempre foi viável identificá-los com precisão nos desenhos de reconstituição da sua organização funcional.



Nossa Senhora da Conceição, Melgaço



Santo António, Pinhel



Santo António, Vila Cova de Alva



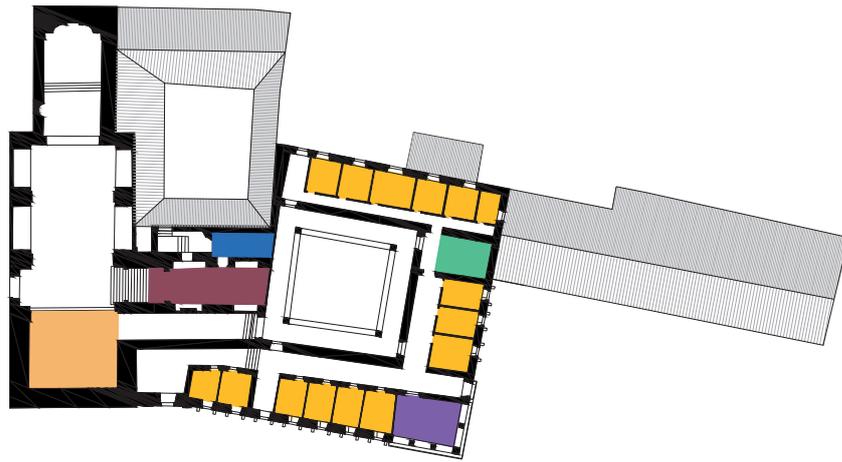
São Francisco, Lamego



Nossa Senhora de Mosteiró, Cerdal



São Francisco do Monte, Viana do Castelo



Planta do piso 2



Planta do piso 1

- | | | | |
|--------------|--------------------|-----------------------|----------------------------------|
| ● Igreja | ● Escada Regral | ● Enfermaria | ● Arrumos e Adega |
| ● Galilé | ● Casa do Capítulo | ● Cella | ● Escada das Matinas |
| ● Portaria | ● Casa do Lavabo | ● Loggia | ● Corredor dos Confessionários |
| ● Refeitório | ● Sacristia | ● Aula | ● Capela |
| ● Cozinha | ● Via Sacra | ● Coro Alto | ● Sopa dos pobres e Casa do Fogo |
| ● Despensa | ● De Profundis | ● Cemitério de Frades | |

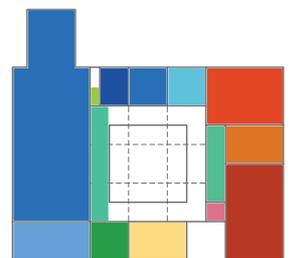


FIGURA 28 Hipótese de organização funcional do Convento de São Francisco de Real no séc. XVIII

FIGURA 29 Matriz funcional de conventos franciscanos

Estudos métricos e geométrico-formais

Análise métrica e de modulação

A concepção arquitectónica do espaço monástico-conventual assenta em princípios de composição como a modulação e os traçados geométricos, que lhe conferem proporções regulares e harmoniosas. Segundo Mário Barroca [Barroca, 1992: 54-55], o sistema de medidas usado em Portugal em época medieval e moderna baseia-se no Palmo com 22 cm de comprimento e nos seus dois principais múltiplos (ou submúltiplos): o Côvado correspondente a 3 palmos (com 66 cm) e a Vara correspondente a 5 palmos (110 cm). O sistema medieval apresentava ainda uma quarta medida, a Braça, com cerca de 184 cm de comprimento.

No Convento de São Francisco de Real é evidente a utilização da unidade de medida base da vara, sendo identificável uma matriz compositiva apoiada no módulo de 4 varas que estrutura todo o conjunto: seja a composição dos alçados incluindo proporções da fachada da igreja, campanário e alçados do convento, seja a planimetria, designadamente do claustro, alas sul e nascente, Capela de São Frutuoso, terreiro, igreja e princípios de crescimento com corpos anexos.

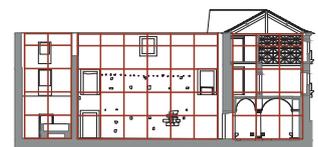
A partir desta matriz, podemos observar que o perímetro de São Frutuoso se inscreve num quadrado com três módulos de lado (ou seja, 12 varas de lado), que coincide precisamente com o que seriam as dimensões do claustro antes da construção do muro pela DGEMN. A partir desta observação, que evidencia a correspondência directa entre a modulação do Mausoléu de São Frutuoso e a do claustro do Convento de São Francisco, torna-se óbvio que a restituição de São Frutuoso no restauro da DGEMN tomou em linha de conta esta relação.

Sendo os conjuntos monástico-conventuais estruturas evolutivas que cresciam em função das necessidades de cada época, interessa ainda especular sobre as possibilidades de ampliação a partir do princípio base de multiplicação de pátios ou de claustros. No caso de São Francisco de Real, do cruzamento entre as prospecções arqueológicas e a análise da topografia e da morfologia da cerca, verifica-se que esse crescimento, a existir, se desenvolveria para nascente.

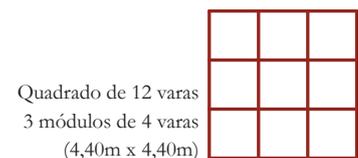
O módulo de 2 varas (sub-módulo do de 4 varas) é também determinante na composição do conjunto: a ala norte tem, pelo interior, profundidade de dois módulos (e de comprimento dez módulos, ou seja, 20 varas), enquanto as alas nascente e sul têm profundidade de três módulos (6 varas).

Este módulo é também a matriz compositiva de vários espaços das alas sul e nascente: os intercolúnios da antiga Sala do Capítulo, os compartimentos de forma rectangular no piso térreo (ala sul) e a Sala da Figueira, que encerra uma proporção de quatro por três módulos; o módulo de 2 varas corresponde ainda à largura dos corredores no piso térreo e no 1.º piso.

Esta análise levanta também questões sobre alguma irregularidade geométrica do conjunto, decorrente, eventualmente, da sobreposição de diferentes fases construtivas ou da adaptação à topografia, condicionantes que poderão ter estado na origem, ainda por compreender, da torção do corpo conventual em relação ao mausoléu.



Corte longitudinal da ala nascente

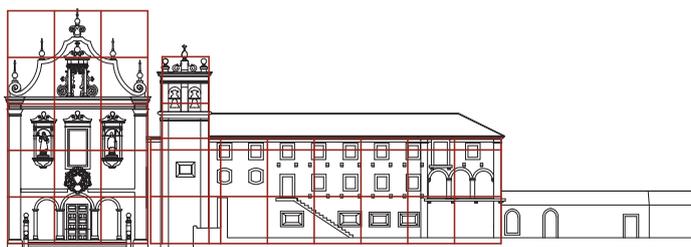


Quadrado de 12 varas
3 módulos de 4 varas
(4,40m x 4,40m)

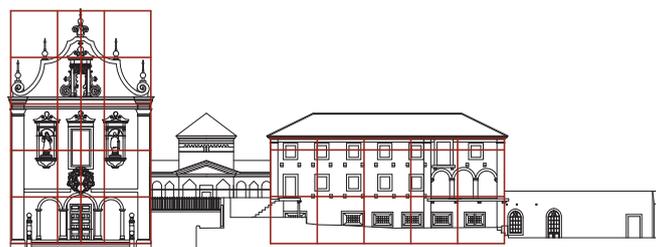


Planta do piso 1

Planta do piso 2



Alçado sul | Reconstituição séc. XVIII



Alçado sul actual

FIGURA 30 Análise métrica e de modulação em planta, corte e alçados



Estudos métricos e geométrico-formais

Traçados geométricos

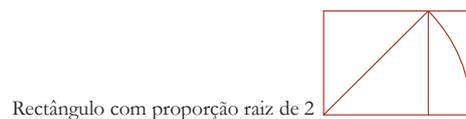
A procura de um equilíbrio nas proporções resulta numa geometria operativa baseada em traçados geométricos (quadrados, rectângulos e círculos) que adquiriam também conotações simbólicas [Hatot, 2009]. São mais comuns os traçados de rectângulos com proporção áurea e proporção raiz de 2 (ou diagonia) que conferem dimensões harmoniosas aos espaços. Por exemplo, no Convento de São Francisco de Real, espaços de carácter excepcional como a Sala do Capítulo e a Sala da Figueira têm a proporção de um rectângulo raiz de 2.

Da análise dos traçados geométricos do convento observa-se também que a profundidade das alas nascente e sul advêm do rebatimento da mediana do quadrado do claustro (proporção de ouro).

Importa ainda notar que o centro do claustro está alinhado com o centro do mausoléu (que segue a orientação da centurição romana), sendo este alinhamento perpendicular ao eixo longitudinal da igreja.

Por outro lado, traçando uma circunferência a partir do centro do claustro com raio no ângulo sudeste do convento, esta vai cruzar no limite poente da Capela de São Frutuoso, o que vem reforçar o sentido unitário do conjunto Convento de São Francisco/São Frutuoso.

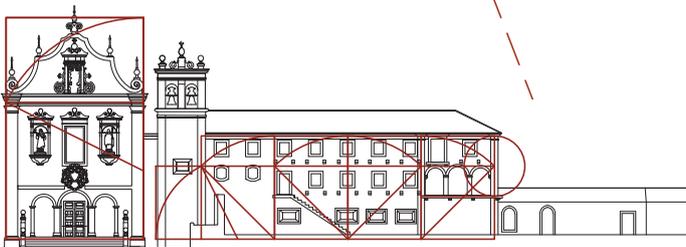
Por fim, apesar da sua simplicidade, os traçados conferem também harmonia aos alçados, sendo possível identificar um rectângulo de ouro que estabelece a proporção da fachada da igreja. Por outro lado, assinala-se uma sequência de rectângulos raiz de 2 que equilibra a relação entre a *loggia* e o alçado sul, seja na versão actual, seja na reconstituição do alçado do século XVIII.





Planta do piso 1

Planta do piso 2



Alçado sul | Reconstituição séc. XVIII



Alçado sul actual

FIGURA 31 Análise de traçados geométricos em planta e alçados



Hipóteses de leitura cronológica

Mapa de vãos

Cruzando fontes documentais e bibliográficas com a observação directa *in situ*, procedeu-se à “análise estratigráfica” de alçados, que consiste num método não destrutivo de identificação de diferentes camadas de “construção” ou de “subtracção” do edifício. Porém, devido à presença de rebocos e à falta (ou incongruência) de informação, não foi possível avançar com uma leitura consistente de paramentos, pelo que se exploram outras ferramentas interpretativas para o lançamento de algumas hipóteses de leitura cronológica do edifício.

Procedeu-se à realização de um “mapa de vãos” com o objectivo de tentar encontrar relações temporais – de contemporaneidade ou de sequência – através da comparação de proporções (altura e largura) e de detalhes arquitectónicos (por exemplo, das guarnições). Os vãos identificados no edifício são representados em pormenor (planta e alçado cotados) e identificados nos alçados com o respectivo código de cores (não cronológico) que permite uma análise comparada.

A partir da investigação desenvolvida observa-se uma regularidade no desenho

dos vãos dos pisos 2 e 3 dos alçados sul e nascente (a azul) – de forma quadrangular de 1,1 por 1,31 metros (ou seja, aproximadamente 1 vara + 1 palmo) –, que correspondem às antigas celas, sendo os respectivos corredores de acesso sinalizados nos alçados por janelas de sacada (a laranja).

Encontramos maior diversidade nos vãos ao nível do piso térreo, designadamente no alçado sul – vãos rectangulares e horizontais, com ombreiras e padieiras “chanfradas” e de guarnição mais fina (a magenta) – e no alçado nascente – vãos quadrangulares da Sala da Figueira de guarnição fina (a azul escuro).

No alçado nascente podem observar-se ainda duas portas de acesso ao exterior no piso térreo, uma sob a *loggia* e outra junto ao corpo anexo que se supõe ter sido aberta no século XIX. Neste alçado, são ainda de destacar os vãos da escada regral que, pela sua irregularidade (inclusive o acentuado “chanfre” do vão inferior), se admite poderem ter sido alvo de modificações e adaptações.

No que respeita ao claustro, coloca-se a hipótese da existência de duas fases construtivas, visto que

alguns agulheiros (orifícios onde se apoiavam as vigas de pavimento) estão desalinhados relativamente aos vãos. Este facto indicia a sobreposição de duas fases construtivas, possivelmente correspondentes aos séculos XVI e XVIII.

Relativamente aos vãos da ala norte, verifica-se que são bastante diferentes se comparados com os das outras alas – vãos de maiores dimensões e guarnições mais finas e, no piso superior, vãos com remate em arco ogival (a vermelho). Observa-se ainda que a espessura das respectivas paredes também é menor, o que sugere que esta ala pudesse ter sido reconstruída posteriormente, em fase mais avançada do século XVIII e/ou no século XIX, hipótese corroborada pela descrição de 1834 que a assinala em ruínas

À intervenção da DGEMN entre 1931-59 – demolição de parte da ala sul para monumentalização da Capela de São Frutuoso – referem-se os vãos no remate oeste da ala sul (a verde); nota-se que na reconstrução do topo poente foram reutilizadas molduras de janelas preexistentes.

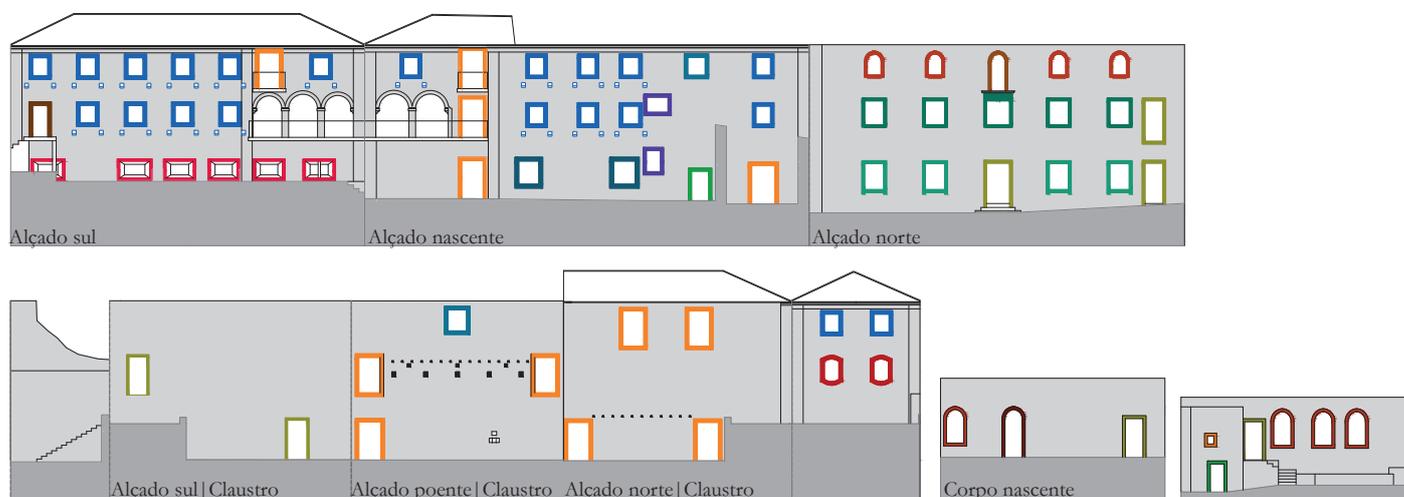


FIGURA 32 Mapa de vãos | localização nos alçados

Hipóteses de leitura cronológica

Análise de alvenarias

Relativamente à análise de paramentos, de acordo com o estudo de inspecção e diagnóstico realizado pelo Departamento de Engenharia Civil da Escola de Engenharia [DEC-EEUM – Lourenço et al, 2015: 20-21], existem quatro tipos de alvenarias de granito no edifício: o tipo A, correspondente às paredes da ala sul, de textura regular, com pedras esquadriadas de forma rectangular e juntas irregulares alinhadas; o tipo B, de textura mais irregular, cuja qualidade diminui com a altura, apresentando juntas irregulares alinhadas; o tipo C, que corresponde às paredes da ala norte, com uma espessura consideravelmente inferior à das paredes do tipo A e B, evidenciando um aparelho mais irregular, com pedras menos trabalhadas, de forma mais arredondada e de menor tamanho, com juntas desalinhasadas; o tipo D, correspondente às paredes do corpo anexo à ala norte, também de espessura bastante inferior relativamente à das alvenarias do tipo A e B, de aparelho regular com pedras trabalhadas e juntas alinhadas, com excepção do remate a partir da linha superior dos vãos, de aparelho muito irregular.

A partir desta informação, cruzando com a análise documental e desenhada, podemos lançar algumas hipóteses especulativas de leitura cronológica do edifício:

A alvenaria de tipo A poderá corresponder à campanha de reconstrução do convento no século XVIII (em grande parte por acção de D. Rodrigo Moura Telles), englobando a fachada sul com o antigo campanário e corpo da portaria que encobriam a capela de São Frutuoso, até ao remate nascente com a *loggia*, e respectivos espaços interiores (que incluem a Sala do Capítulo); sendo o alçado principal do antigo convento, e estando alinhado com a fachada da igreja, é também compreensível um maior investimento na construção, já que se refere ao melhor tipo de alvenaria encontrado no edifício [Lourenço et al, 2015: 11]. Foram feitas captações com câmara termográfica do alçado sul que corroboram a uniformidade e continuidade deste aparelho (ainda que o facto de o edifício não estar habitado não seja propício à detecção de oscilações de temperatura nos paramentos).

A alvenaria de tipo B poderá referir-se a uma sobreposição de construção dos séculos XVI e XVIII, não só pelo diferente tipo de alvenaria, como também pelo desalinhasamento entre agulheiros e vãos no alçado do claustro, ou ainda pela irregularidade na composição do alçado nascente, designadamente dos vãos da escada regral; a diferença do aparelho no piso superior (em particular a diminuição das dimensões das

pedras) pode decorrer de este ter sido acrescentada posteriormente sobre uma estrutura anterior e com altura menor.

No que diz respeito à alvenaria de tipo C, sugere-se ter sido alvo de reconstruções no século XVIII (confirmadas em referências documentais à instalação do colégio, refeitório, aula e dormitórios) e, no século XIX, durante a ocupação por privados. Estas últimas são invocadas na descrição do estado de ruína no inventário de extinção de 1834 e evidentes no tipo de vãos com remate em arco ogival, característicos da arquitectura oitocentista.

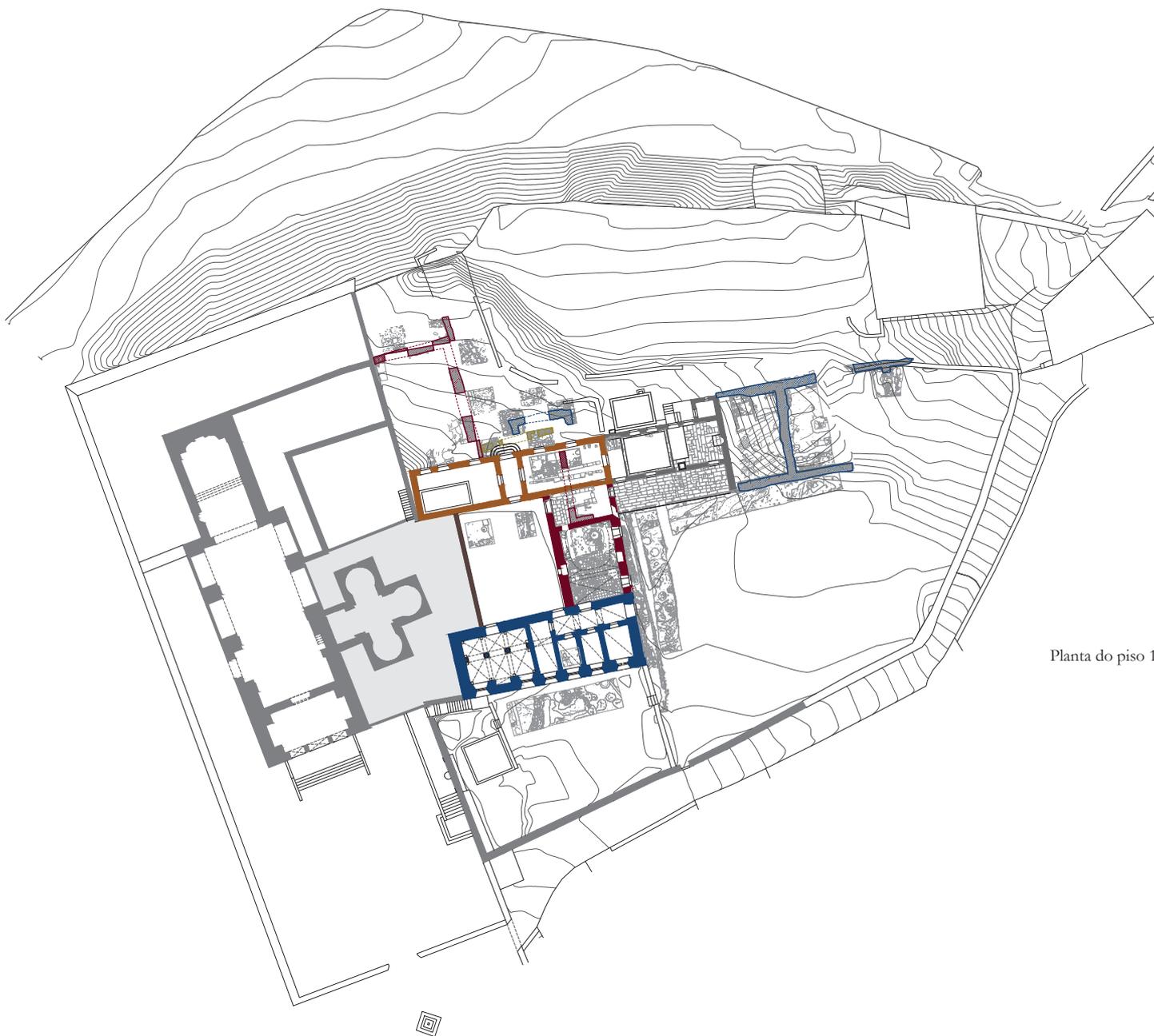
A alvenaria de tipo D corresponderá a um corpo anexado nas campanhas do século XVIII, mas que provavelmente terá tido adaptações no século XIX, designadamente a introdução de vãos com arco ogival e um ligeiro acréscimo em altura, perceptível pela diferença de aparelho.

Importa ainda não esquecer um outro tipo de alvenarias, de aparelho muito regular e bem esquadriado, no topo poente do alçado sul e no muro do claustro, ambos realizados durante as obras conduzidas pela DGEMN de demolição da ala sul e reintegração do Mausoléu de São Frutuoso.

Por fim, sublinha-se que estas hipóteses cronológicas terão de ser desenvolvidas e apuradas em estudos futuros.



FIGURA 34 Hipótese de datação de vãos



Planta do piso 1

- Séc. XX
- Séc. XIX | Alvenaria tipo C
- Séc. XVIII | Alvenaria tipo A
- Séc. XVIII | Alvenaria tipo D
- Séc. XVI | Alvenaria tipo B
- Séc. X

FIGURA 35 Hipótese de sequência estratigráfica



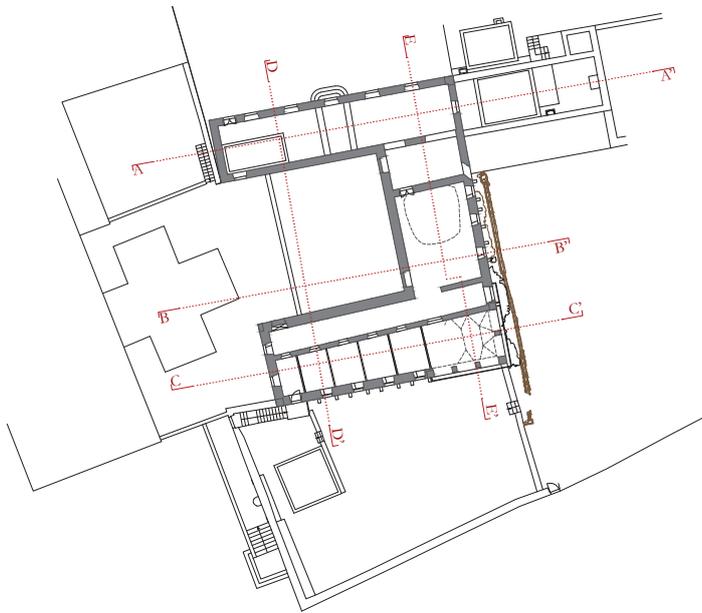
Levantamento do existente

Levantamento geométrico e topográfico

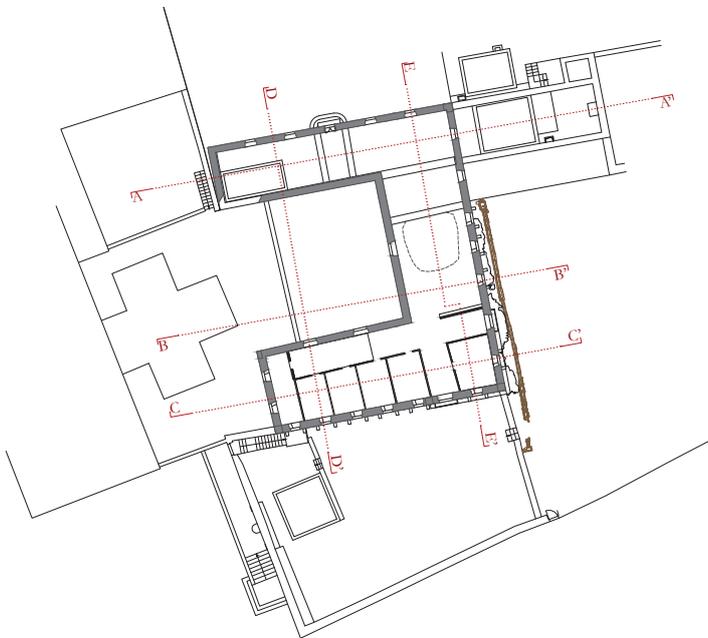


Planta do piso 1

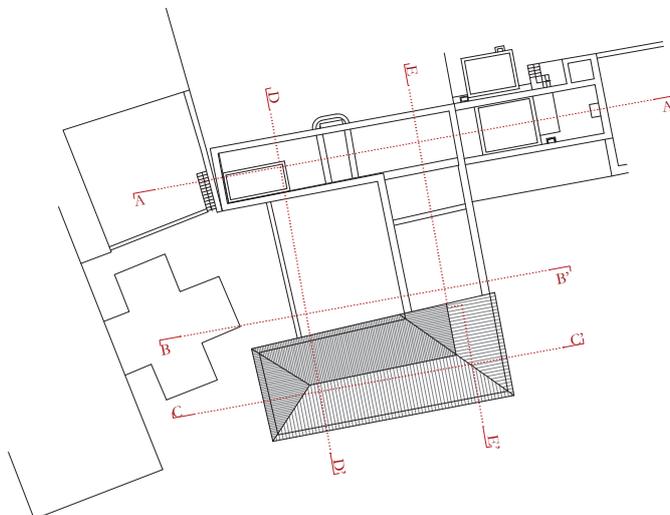
FIGURA 36 Levantamento geométrico e topográfico UAUM 2014



Planta do piso 2



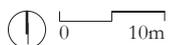
Planta do piso 3



Planta de coberturas

Para desenvolver um estudo aprofundado sobre um edifício é fundamental ter um levantamento detalhado e rigoroso, base estritamente necessária para qualquer tipo de análise, exploração ou interpretação. Com este objectivo, a UAUM executou um levantamento geométrico e topográfico a partir do qual foram executados ou complementados diferentes trabalhos: plantas, perfis, alçados, levantamento fotográfico (de exteriores e interiores, com indicação dos pontos de captação), levantamento fotográfico de alçados e correspondentes “ortofotos” (isto é, transposição da perspectiva fotográfica para o plano bidimensional, integrando informação sobre materiais, técnicas construtivas, estereotomias, cores, texturas, anomalias), e levantamento de espaços excepcionais, como daquele que é designado neste estudo por Sala da Figueira.

Deste último espaço, com particular valor arquitectónico e simbólico – em que verifica, actualmente, a presença de uma figueira de grandes dimensões enraizada, sobretudo, na espessura da abóboda semi-arruinada –, foi feito ainda um levantamento, por observação visual, das principais anomalias e alterações, considerando que estas últimas, evocando memórias da trajetória do edifício no tempo, integram também a sua história material e construtiva.



Levantamento do existente

O edifício é construído em paredes portantes de alvenaria de granito de paramento duplo, correspondentes a quatro diferentes tipos consoante o aparelho, a espessura e ligações [Lourenço et al, 2015: 21]. Originalmente, as alvenarias seriam rebocadas e caiadas em ambas as faces. As guarnições de portas e janelas, frisos, cornijas, bancos das janelas, arcos e colunas da Sala do Capítulo e da *loggia* são em cantaria de granito aparente.

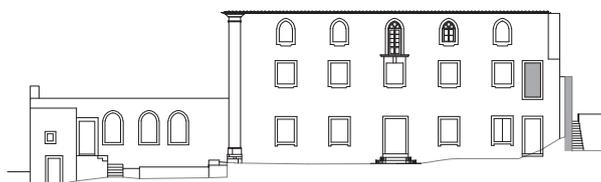
As coberturas são em estrutura de asnas de madeira com revestimento em telha cerâmica de canudo com inclinação de cerca de 30°, encontrado-se actualmente coberta apenas a ala sul. As estruturas horizontais são hoje praticamente inexistentes, com excepção da ala sul e parte da ala nascente, que ainda preservam abóbadas em tijolo rebocadas: abóbadas de berço nos cubículos no ângulo sudoeste do edifício e abóbadas de cruzaria na Sala do Capítulo e na Sala da Figueira, embora com geometrias distintas; por seu lado, a abóbada da *loggia* é de cruzaria com estrutura de madeira revestida com tabique fasquiado.

Por cima das abóbadas existiam vigamentos de madeira que suportavam os pavimentos em soalho nos pisos superiores. No piso térreo, onde ainda existentes, os pavimentos são em lajeado de granito (Sala do Capítulo) ou cerâmico (Sala da Figueira).

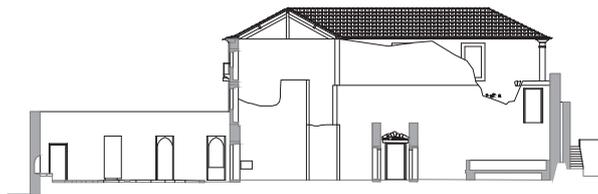
No que respeita a paredes interiores, estas são de paramento simples ou duplo no piso térreo e, nos pisos superiores, as estruturas das antigas divisórias seriam em paredes de frontal com travamentos diagonais com enchimento (também designadas por “cruzes de Santo André”); persistem ainda algumas destas estruturas nos pisos superiores da ala sul, sendo o seu revestimento executado em reboco e pintura à base de cal.



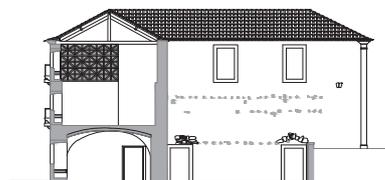
Alçado sul



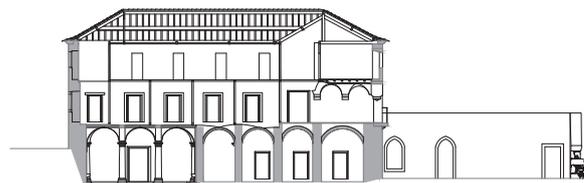
Alçado norte



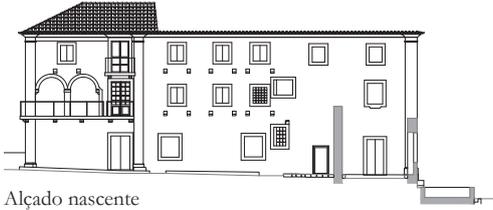
Corte AA'



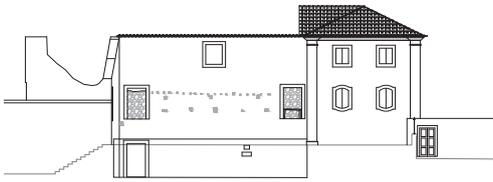
Corte BB'



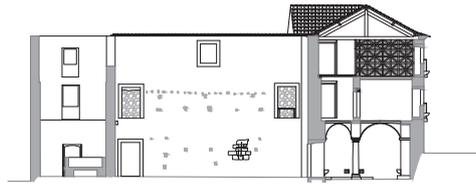
Corte CC'



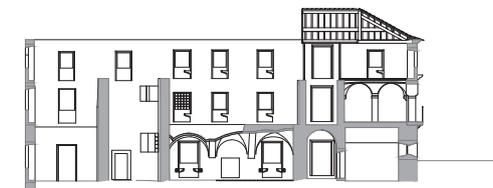
Alçado nascente



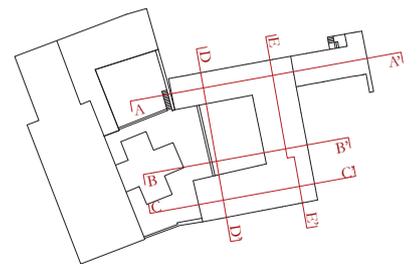
Corte-alçado poente



Corte DD'



Corte EE'



Levantamento do existente

Levantamento fotográfico



1.

2.



3.



4.



5.



7.



8.



9.



10.



11.



19.



20.



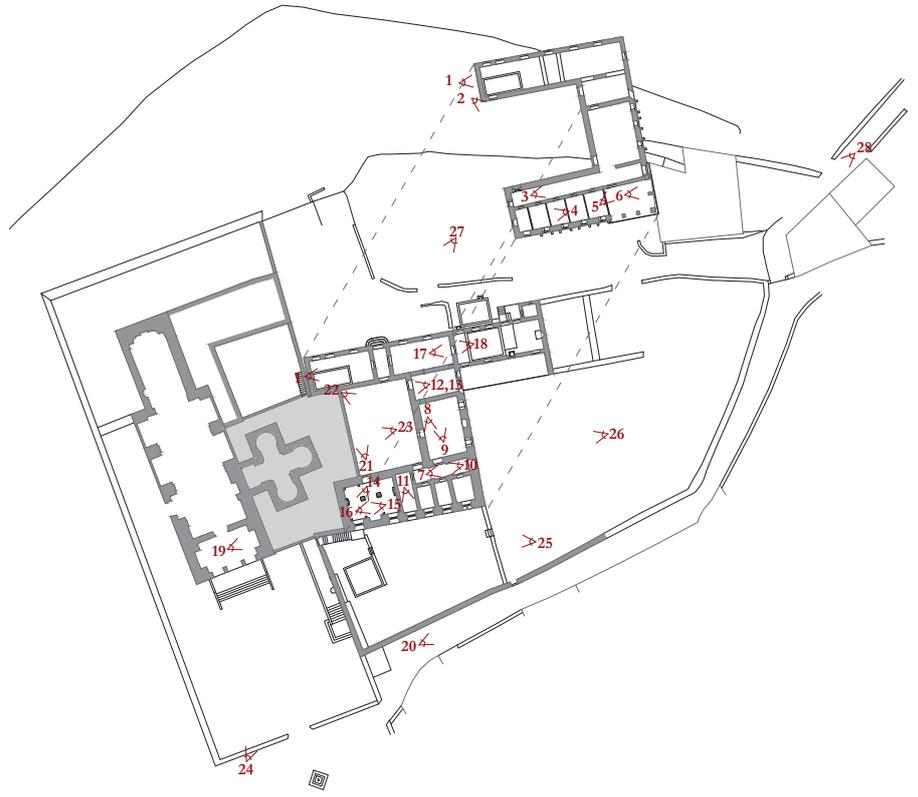
24.



25.



26.



6.



12.



13.



14.



15.



16.



17.



18.



21.



22.



23.



27.



28.

Levantamento do existente

Levantamento de anomalias | Sala da Figueira

O relatório de inspeção e diagnóstico sublinha o acelerado processo de degradação do edifício, devido à quase total inexistência de coberturas e ao gradual colapso de elementos estruturais, resultantes do seu estado de abandono. Deste modo, a exposição aos agentes atmosféricos potenciou a progressiva apropriação da construção por colonização biológica e por vegetação infestante, que caracterizam fortemente a imagem exterior do edifício no contexto actual.

O referido relatório faz um levantamento de anomalias não estruturais, essencialmente relacionadas com os efeitos da água sobre os elementos construtivos, assim como a identificação de anomalias estruturais, nomeadamente fissuras, deformações e colapsos decorrentes, entre outros factores, da ausência de ligações entre paramentos (em particular entre os diferentes tipos de alvenaria) e da inexistência de estruturas horizontais de travamento.

A Sala da Figueira localiza-se na ala nascente e a ausência de cobertura terá levado ao colapso de dois dos três tramos que compõem a abóboda de cruzaria em tijolo. Outros problemas estruturais a sinalizar são uma fenda diagonal na abóboda não colapsada e fissuras de menor expressão nas paredes que não parecem comprometer a estrutura [Lourenço et al. 2015: 25].

A exposição às intempéries terá levado ainda ao crescimento de uma figueira, profundamente enraizada na espessura da abóboda, e ao surgimento de diversas alterações nas superfícies que confinam este espaço. Em particular, sinalizam-se as manchas de humidade ascensional (a azul) resultantes da inexistência de drenagem perimetral, ou aquelas provenientes de infiltrações gravitacionais, assim como diversos destacamentos de reboco resultantes de acções mecânicas ou da presença de água (originando eflorescências

salinas, erosão e fissuração). É ainda de assinalar a presença de colonização biológica (musgos, algas e líquenes), com origem nos elevados índices de humidade e na exposição aos agentes atmosféricos. Do revestimento cerâmico do pavimento apenas subsiste uma reduzida amostra, que se encontra em mau estado de conservação.

Por fim, no que respeita ao aspecto mais peculiar desta sala – a figueira –, constata-se que, apesar do seu sugestivo efeito pitoresco e evocativo da trajectória do edifício no tempo, é indispensável a sua remoção, pelo risco que representa para a segurança e estabilidade do edifício [Lourenço et al, 2015: 53].



Tecto



FIGURA 38 Fotografia do interior da Sala da Figueira



Parede nascente



Parede norte



Chão



Parede sul



Parede poente

- Destacamento
- Mancha de humidade
- Colonização biológica
- Fissuração

FIGURA 39 Mapeamento de anomalias na 'Sala da Figueira'

Convento e território

Estado actual e perspectivas contemporâneas

Se os espaços do convento nos chegam com uma certa integridade (em particular as fases entre os séculos XVIII e XX), a sua relação com o território envolvente alterou-se profundamente. A cidade avançou sobre esta zona e o conjunto monástico viu-se rodeado por urbanizações de elevada densidade, visto estar unicamente defendido pela área de protecção do Mausoléu de São Frutuoso, que corresponderia a um círculo com 50 metros de raio.

A recente Zona Especial de Protecção (ZEP) definida pela Portaria n.º 624/2014, embora já não venha a tempo de evitar a asfixia física e visual que agora domina os principais enfiamentos do mosteiro, permitirá, talvez, salvaguardar alguns dos fragmentos de natureza territorial que conseguiram sobreviver à voracidade de um crescimento urbano indiferente à história longa que lhe subjaz.

Em 1997, a cerca do convento foi adquirida pela Câmara Municipal de Braga para instalação de uma quinta pedagógica, actividade que preservou essa área de mais edificação especulativa e que constitui hoje a única abertura visual do convento à paisagem mais distante.

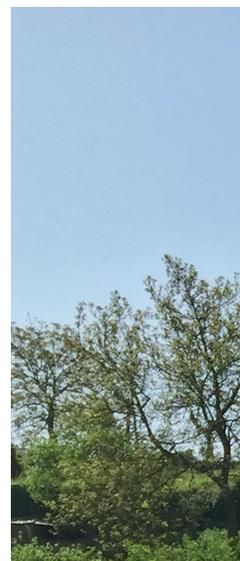
Por outro lado, o terreiro de acesso à igreja e ao conjunto monástico é actualmente um ponto de confluência de vias de circulação automóvel, tendo sido construída recentemente uma estrada que corta o antigo “caminho de frades”, ele próprio já quase totalmente desaparecido sob múltiplas operações de loteamento.

A imagem aérea revela todas estas transformações ao expor quer a mudança da relação do convento com a cidade e com o território, obscurecendo os princípios que ditaram a sua implantação, quer a sua actual situação de constrangimento espacial.

Retomando o entendimento mais alargado dos princípios que presidiram à localização do Mausoléu de São Frutuoso e do Convento de São Francisco de Real, é no entanto ainda possível verificar algumas dessas relações. Designadamente, um olhar atento sobre a sobreposição dos traçados com a planta actual, permite-nos identificar – e percorrer –, ainda hoje, fragmentos da *Lucus Augusti* e do “caminho de frades”, assim como a primitiva ligação São Francisco-Dume. É também possível assinalar um momento a partir do qual observa de forma clara, e em simultâneo, as permanências edificadas de São Francisco de Real e de Dume, de alguma forma redescobrimo a proeminência territorial destes dois sítios e o papel que cumpriam na marcação física e simbólica do território que adjectivavam e sobre o qual exerciam jurisdição.

A partir desta análise, sugere-se reflectir sobre o modo de recuperar estas antigas articulações e marcas paisagísticas das quais São Francisco faz parte, integrando-as num entendimento contemporâneo do território, disponível a novas apropriações.

Propõe-se, assim, interpretar estes objectos arquitectónicos de uma forma aberta, não os isolando, musealizando ou encerrando sobre si mesmos. Ultrapassando esse sentido estrito defende-se, antes, uma abordagem sistémica que os contextualize na rede territorial mais alargada, onde voltariam a reverberar, reencontrando, nessa mútua articulação, o seu pleno significado.





2015



2015

Convento e território

Estado actual e perspectivas contemporâneas



Dume e São Francisco a partir da Via XIX
Lucas Augusti | Caminho de Santiago



1. Fragmentos da Via XIX *Lucas Augusti* | Caminho de Santiago



2. Fragmentos da “*estrada que vem de São Jerónimo para S. Martinho*”



3. Fragmentos do “*caminho que vem de S. Martinho para S. Jerónimo*”



4. Caminho dos Frades

FIGURA 40 Esquema interpretativo do sistema viário existente



Antiga Via XIX Lucus Augusti
Caminho de Santiago

Dume

Estrada Nacional 205.4

Convento de São Francisco de Real

Rua de São Martinho



Glossário

O glossário que sucintamente se apresenta, apesar de incluir termos comuns a diferentes arquitecturas monástico-conventuais, é orientado para as estruturas franciscanas, os seus espaços e dispositivos específicos.

Adega

Espaço destinado ao armazenamento e produção de vinho cuja posição considerava cuidados com a temperatura e a oscilação de humidade, localizando-se preferencialmente na ala norte. Geralmente, dava acesso imediato às vinhas e tinha portas que permitiam o acesso de carros de bois para cargas e descargas. Organizava-se em duas zonas: a de lagar e a de armazenamento.

Ala do Coro-Alto

Corredor no segundo piso do claustro, que abre para a quadra central e se situa paralelamente à parede da igreja, tendo, como único vão, a porta de acesso ao coro-alto ou a um espaço que o antecede, o ante-coro.

Ala ou Corredor dos Confessionários

Corredor no primeiro piso do claustro, que abre directamente para a quadra central e se situa ao longo da parede da igreja, possuindo uma série de vãos rectilíneos, que serviam para os frades se instalarem durante o sacramento da confissão. Este espaço ligava com um espaço semelhante no interior da igreja, onde se posicionava o fiel que comunicava através de uma abertura. É um dispositivo específico dos conventos franciscanos.

Casa da Aula

É muito escassa a informação sobre este espaço conventual, que se pensa serviria para aulas dos noviços, podendo estar ligada ao Colégio ou Noviciado, como aconteceria no caso de São Francisco de

Real. Há referência à Casa da Aula nos conventos de Ponte de Lima e de Vila Real.

Casa do Capítulo ou Sala do Capítulo

Situa-se numa das alas do piso inferior do claustro. Servia para reuniões diárias, destinadas à resolução de problemas inerentes à vida da comunidade e para a eleição de um guardião ou de um provincial, no caso das casas-mãe. Na Ordem Franciscana, a Casa do Capítulo situava-se, normalmente, ao lado da Portaria – podendo surgir imediatamente anexa a esta ou separada por uma dependência onde se erguia uma capela – voltada à fachada principal, mas sem acesso directo ao exterior. A Casa do Capítulo tinha o interior iluminado por uma ou duas janelas, uma estrutura retabular ou um simples altar e, em volta das paredes, existiam mísulas de cantaria, que sustentavam bancos corridos.

Casa do Fogo ou *Calefactorium*

Espaço que servia de local de aquecimento para os frades, tendo uma lareira e bancos corridos assentes em mísulas.

Casa do Forno

Situa-se próximo da cozinha e servia para preparar e cozer o pão, guardar farinhas e instrumentos auxiliares.

Casa do Lavabo

Espaço anexo à sacristia, onde se situava o lavabo que permitia as abluções dos frades antes das cerimónias litúrgicas. Possuía uma ou duas janelas, através das quais entravam os canos pelos quais a água jorrava para os lavabos.

Catre

Cada um dos espaços em que se dividia uma enfermaria conventual, constituindo uma zona exclusiva a um doente; os

vários catres encontravam-se separados por paredes em cantaria ou, mais frequentemente, em taipa ou tabique, e possuíam, como mobiliário principal, uma cama ou uma cadeira de encosto.

Cela

Espaço destinado ao descanso e meditação de cada um dos frades, dispondo-se nas alas superiores do claustro. Estão divididas por paredes de taipa ou tabique, cada uma com acesso por uma porta de verga recta, que abre para a ala do claustro ou para o corredor dos dormitórios. O mobiliário era constituído por uma cama, um oratório e um crucifixo, podendo a cela do guardião, de maiores dimensões, possuir cadeiras e um armário.

Celeiros

Lugar de armazenamento e conservação dos cereais e de outros produtos agrícolas que provinham das colheitas dos terrenos ou de pagamentos diversos. Normalmente no piso inferior, a sua localização tinha em consideração preocupações de oscilações da temperatura e humidade e de proximidade aos campos agrícolas.

Cerca

Corresponde à propriedade murada que compreendia o edifício, campos agrícolas, horta, mata ou jardim, numa relação de interdependência. São muito frequentes os caminhos entre campos agrícolas, plantações de vinha ou pomar, os bancos ou conversadeiras, os muros de suporte onde se inserem alegretes ou ainda os jogos de água com caleiras e tanques de rega. Grande parte dos elementos têm um carácter religioso, como é o caso de fontes dedicadas a santos, escadórios que conduzem a locais de devoção, locais de recolhimento e contemplação. Nos conventos franciscanos surge frequentemente a referência a espaços exteriores

de carácter lúdico e contemplativo como o jardim de Jericó, o horto de recreio e o pátio da cisterna.

Claustro

Espaço de circulação e meditação, em torno do qual se desenvolvia a vida da comunidade religiosa.

Símbolo e centro da vida monástica, da clausura e da estabilidade. Geralmente de planta quadrada, tinha no centro um poço ou fonte, rodeado por um pequeno jardim. Para além da função distributiva, os claustros tinham também uma função contemplativa e simbólica do caminhar em meditação, preferencialmente em movimento circular, simbolizando a ascese espiritual.

Nos conventos franciscanos, o claustro era geralmente composto por três a cinco vãos por ala, privilegiando o número ímpar, para permitir o acesso à quadra através do tramo central onde se localizava a fonte. Apesar destas variações de dimensão, os claustros seguem dois esquemas preferenciais: um primeiro, formando arcos de volta perfeita, assentes em pilares ou em colunas toscanas; um segundo, arquivado, assente em colunas toscanas. As alas do primeiro piso térreo têm em geral coberturas de madeira e pavimentos em lajeado de granito. Os segundos pisos superiores são uniformes, com o recurso ao sistema arquivado, assente em colunas toscanas, com coberturas em forro de madeira.

As alas claustrais possuíam algumas funções específicas, especialmente de enterramento ou de circulação, originando nomenclaturas próprias.

Colégio ou Noviciado

Instalações dos aspirantes à vida monástica, designados por noviços. De modo a preservar o funcionamento regular do mosteiro, destinava-se este espaço aos novos membros da comunidade, cujos

laços com o mundo exterior haviam sido recentemente cortados e que, portanto, ainda não tinham adquirido os hábitos de rigor conventual. Por essa razão, o Noviciado podia ser uma ala do convento, compreendendo dormitório (ou, posteriormente, celas individuais), sala de aula e capela. No caso dos grandes conventos, chegava a ser um edifício separado do conjunto principal, com cozinha, refeitório e capítulo. Deste conjunto fazia ainda parte a cela do mestre de noviços, encarregado de vigiar e instruir os iniciados.

Convento

Edifício de dimensões e estrutura variáveis, consoante a ordem religiosa (e respectiva regra) que o ocupava. Composto por uma igreja e uma zona regral, o Convento organiza-se em torno de um claustro, onde se artikulavam as dependências dos frades e era envolvido por uma cerca e, por vezes, por uma mata.

Coro-Alto

Espaço no interior da igreja onde se reunia a comunidade religiosa para assistir aos actos litúrgicos e onde se exerciam as especificidades corais. Situado sobre o portal axial, possuía um cadeiral, um órgão, uma estante coral e, por vezes, um candeeiro das trevas.

Corredor dos dormitórios

Espaço que se situa entre duas fiadas de celas ou entre o claustro e as celas, permitindo o acesso às mesmas, podendo ser um espaço em falsa abóbada de berço ou em caixotões de madeira. Estes corredores eram rematados nos topos por Janelas Regrais que garantiam a iluminação e criavam enfiamentos visuais de relação com o exterior.

Cozinha

Local de preparação dos alimentos sempre próximo do refeitório e equipada com fogão. Por vezes, localizava-se num compartimento externo ao corpo principal do edifício, para diminuir os riscos de incêndio.

De Profundis

Espaço de reunião situado junto ao refeitório e rodeado por bancos corridos destinados aos monges que procediam a leituras teológicas, antes e depois das refeições. Simultaneamente, servia para velarem os frades defuntos. Geralmente situava-se na ala oposta à igreja ou na fachada posterior, ligando ao refeitório, e incluía o lavabo do refeitório, onde os frades se purificavam antes das refeições.

Enfermaria

Espaço dedicado ao tratamento e à convalescença de enfermos. Em alguns casos funcionava autonomamente, num edifício à parte que podia incluir capela, refeitório e claustro. Era normalmente composto por três dependências, correspondentes ao quarto do enfermeiro, à botica e à enfermaria propriamente dita, dividida em catres ou cubículos, incluindo um oratório. Por vezes, as enfermarias eram providas de varandas viradas à cerca, que permitiam aos frades convalescentes apanhar sol e ar puro.

Escada das matinas

Escada que nos edifícios conventuais liga a zona da Via Sacra, adossada à sacristia, ao corredor do coro-alto, no segundo piso, permitindo aos frades a descida rápida até à sacristia, para poderem proceder aos ofícios divinos no templo. Nem todos os edifícios a possuíam, não surgindo nos mais antigos, que se serviam apenas de uma estrutura deste tipo, normalmente a Escada Regral.

Escada Regral

Escada que nos edifícios monástico-conventuais liga a zona inferior do claustro ao segundo piso, mais precisamente, aos dormitórios. No caso dos conventos capuchos, partiam do *De Profundis* e terminavam no corredor dos dormitórios, sendo marcadas, no patamar superior, pela existência de um nicho com uma imagem da Virgem, normalmente designada como Nossa Senhora da Escada.

Estábulos e Cavalariças

Espaço onde se recolhiam os animais, quer para o trabalho agrícola, quer para subsistência. Localizavam-se normalmente junto aos celeiros, no piso de rés-de-chão, e próximos da zona agrícola.

Galilé

Espaço exterior coberto que antecede a entrada no templo e no convento, e que permitia à comunidade reunir-se, protegendo-se de condições climáticas adversas. No caso dos conventos franciscanos constituía, igualmente, um espaço de culto, pois ostentava uma Capela dedicada ao Senhor dos Passos, em frente da qual surge o acesso à Portaria.

Guardião

Superior de um convento franciscano, cujo cargo durava três anos, iniciando-se e finalizando no denominado Capítulo intermédio, onde eram escolhidos os novos dirigentes.

Hospedaria

Espaço destinado aos visitantes externos, para simples descanso ou para pernoitar. Podia situar-se no piso inferior ou superior, junto à Portaria, impedindo a devassa do espaço regral, ou ainda constituir um edifício anexo. Encontrava-se mobilado com cadeiras de encosto ou com camas, podendo

ter mesas ou mesmo arcas, onde os frades arrecadavam alguns pertences. A Hospedaria era um local essencial dos conventos franciscanos, onde pernoitavam frades de outras comunidades ou ordens.

Janela Regral

Janela situada no topo do corredor dos dormitórios, permitindo iluminar estes espaços de circulação, sendo identificável no exterior pelas suas maiores dimensões e pelo facto de possuir sacada ou varanda.

Lavabo do Refeitório

Estrutura com água perene ou com pequeno reservatório, situado no claustro, no *De Profundis* ou em casa anexa ao refeitório, permitindo aos frades lavarem as mãos antes e depois das refeições. O tamanho é variável, consoante se integre num pequeno edifício ou num mosteiro de grandes dimensões.

Lavabo da Sacristia

Estrutura com água perene ou com pequeno reservatório, situada na Sacristia, ou na casa anexa, a Casa do Lavabo, permitindo aos celebrantes lavar as mãos antes e depois das cerimónias litúrgicas. O tamanho é variável, consoante se integre num pequeno edifício ou num mosteiro de grandes dimensões.

Livraria

Dependência essencial em todos os conventos, onde se reuniam os livros e os documentos necessários à manutenção do seu arquivo. Nos conventos de maior erudição era frequente os monges copistas, no *Scriptorium*, criarem a sua própria coleção.

Ministra

Postigo para a passagem dos pratos entre Cozinha e Refeitório. Vão rectilíneo que

constituía, normalmente, a única ligação entre estes dois espaços.

Nitreira

Depósito que cumpria a função de esgoto, onde convergiam os resíduos provenientes de estábulos e latrinas, depois reaproveitados para fins agrícolas.

Oficinas

Espaços onde os frades, adequadamente às suas aptidões, ocupavam o seu tempo em diferentes trabalhos.

Portaria

Dependência situada no primeiro piso do claustro, com acesso a partir da Galilé e que permitia aceder à Zona Regral. Encontrava-se protegida por uma porta provida de um postigo permitindo a identificação pelo irmão porteiro de quem pretendia entrar, tendo, no exterior, uma pequena sineta. O interior estava munido de armários, onde o porteiro arrecadava os seus pertences, bancos, uma mesa, podendo ostentar pintura ou escultura avulsa de temática religiosa (cristológica ou franciscana). A Portaria situava-se, geralmente, junto à Galilé, estando virada à fachada principal, e era pavimentada com lajeado de granito.

Província

Conjunto de conventos (no mínimo dez) de uma ordem religiosa, congregados em determinada área ou dispersos, encontrando-se unidos por uma tendência religiosa semelhante, com governo autónomo e estatutos reconhecidos e aprovados. A expressão Província aplica-se, sobretudo, às Ordens mendicantes, sendo a de São Francisco a mais complexa quanto à derivação de Províncias.

Este estudo aborda mais particularmente as províncias da “estrita observância” (ou

“capuchas”, designação que deriva dos capelos ou capuzos agudos que usavam) da Arrábida, Piedade, Santo António, Soledade (fundada em 1673, a partir da divisão da Província da Piedade, agrupando os conventos a norte do Tejo) e Conceição (fundada em 1705-1706, a partir do desdobramento da Província de Santo António, com os conventos situados a norte do Mondego). O Convento de S. Francisco de Real é fundado pela Província Capucha da Piedade passando a integrar a Província Capucha da Soledade aquando da formação desta em 1673 [Conceição, 1740: 56-57].

Refeitório

Local exclusivo da comunidade conventual onde eram feitas as refeições comuns. O Refeitório, o *De Profundis* e a Escada Regral podiam dispor-se de duas formas distintas: nos edifícios mais antigos surgiam todas adossadas, constituindo uma sequência; nos mais recentes, ou nos profundamente remodelados no período setecentista, o refeitório, cozinha, despensa e, por vezes, a adega, dispunham-se sequencialmente, surgindo o *De Profundis* virado para a quadra do claustro (ao lado da cozinha e/ou refeitório) onde se implantava o lavabo.

Sacristia

Local de arrumação das alfaias litúrgicas, paramentaria e relíquias, onde os padres se vestiam para as celebrações religiosas. Possuía iluminação directa, por uma ou duas janelas. Encontrava-se ou virada para a quadra claustal, ou adossada à fachada posterior da capela-mor.

Secretas, latrinas ou necessárias

Instalações sanitárias dos frades situadas, geralmente, no piso superior, no seguimento de uma

das alas dos dormitórios, podendo estar separadas do edifício principal por um pequeno passadiço, possuindo sistema de escoamento para o piso inferior (nitreiras).

Terreiro

Espaço que antecede a entrada no templo ou Portaria, podendo ser de dimensões variáveis. Em alguns casos incluía nichos, fontes, cruzeiro ou capelas exteriores.

Varanda

Prolongamento exterior, geralmente no segundo piso, para descanso, meditação ou contemplação. Por vezes, surgia anexa à livraria.

Via-Sacra

Espaço que liga a capela-mor e a sacristia, servindo de local de reflexão e penitência para os monges, antes de entrarem no templo e celebrarem as cerimónias religiosas. Situava-se geralmente ao lado da capela-mor, tratando-se de um espaço de transição entre a cabeceira, o claustro e a sacristia. Este espaço está associado a todas as Ordens Mendicantes e aos colégios da Companhia de Jesus. A sua dimensão é variável, podendo constituir apenas um pequeno corredor. A Via Sacra podia aceder à Sacristia e, ainda, à Casa do Lavabo quando esta não se encontrava anexa à anterior.

Zona Regral

Conjunto edificado onde apenas eram admitidos os frades e onde se desenrolava a sua vida quotidiana, só sendo franqueado a laicos em casos de procissões ou de enterramentos no interior da quadra.

Glossário elaborado com base em:

BORGES, Nelson - “Arquitectura monástica portuguesa na época moderna (notas de uma investigação)”, in *Separata da Revista Museu*, IV série, n.º 7. p. 31-59, 1998.

BRAUNFELS, Wolfgang - *La Arquitectura Monacal en Occidente*. Barcelona: Barral, 1975.

CAMPINHO, Regina - *Mosteiro de São Martinho de Tibães: a medida para a casa-mãe dos Beneditinos portugueses*, Prova Final para licenciatura. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004.

FIGUEIREDO, Ana Paula - *Os conventos franciscanos da Real Província da Conceição: análise histórica, tipológica, artística e iconográfica*, Tese de doutoramento, História (Arte, Património e Restauro) Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2009.

VIEIRA, João e LACERDA, Manuel (coord.)- *KIT 05 Património arquitectónico – Edifícios conventuais capuchos*, IGESPAR/IHRU, 2010.

Bibliografia

- ABREU, Susana – *Arquiteturas franciscanas das Origens na Mais Estrita Observância portuguesa do século XVI: a lição de Vitruvius*, in FERREIRA-ALVES, Natália (coord.), *Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*. Porto: CEPESE, 2013, p. 971-1002.
- BARREIROS, Manuel de Aguiar – *A Capela de S. Frutuoso em S. Jeronymo de Real Braga: restos da antiqüíssima Igreja de S. Salvador de Montelios, séc. VII*. Porto: Marques Abreu, 1919.
- BARROCA, Mário Jorge – “Medidas-Padrão Medievais Portuguesas”, in *Revista da Faculdade de Letras-História*, II Série, n.º 9. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992, p. 53-86.
- BORGES, Nelson – “Arquitetura monástica portuguesa na época moderna (notas de uma investigação)”, in *Separata da Revista Museu*, IV série, n.º 7. 1998, p. 31-59.
- BRAUNFELS, Wolfgang – *La arquitectura Monacal en Occidente*. Barcelona: Barral, 1975.
- BRITO, M. Mónica – “As Fases do restauro da capela de São Frutuoso de Montelios. A Fragilidade da reintegração nacionalista face à evolução historiográfica”, in *Separata da Revista Museu*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 2001.
- CALADO, Luís Ferreira; PEREIRA, Paulo; LEITE, Joaquim Passos – “O regresso dos monges. Intervenções do IPPAR em conjuntos monásticos”, in *Estudos. Património*. Lisboa: IPPAR, 2002, p. 5-22.
- CAMPINHO, Regina – *Mosteiro de São Martinho de Tibães: a medida para a casa-mãe dos beneditinos portugueses*. Prova Final para licenciatura. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004.
- CAPELA, José Viriato – *As Freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758 – A construção do imaginário minhoto setecentista*. Braga: [s.n.], 2003. p. 190.
- CAPITEL, Anton – *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*. Madrid: Alianza Forma, 1992.
- CARVALHO, Helena Paula; MENDES, Francisco Azevedo – “Centuriazione ed evoluzione degli assetti agrari intorno alla città di *Bracara Augusta* (Hispania citerior tarraconensis)”, in *Agri Centuriati. An international journal of landscape archaeology*. Pisa-Roma: Fabrizio Serra editore, 2011.
- CHOAY, Françoise – *Património e Mundialização*. Évora: Casa do Sul Editora/CHAIA, 2005.
- CONCEIÇÃO, Fr. Apolinário da – *Claustro Franciscano, erecto no dominio da Coroa Portuguesa, e estabelecido sobre dezesseis Venerabilissimas Columnas: expoem-se sua origem, e estado presente. A dos seus conventos, e mosteiros, annos de suas Fundações, numero de Hospícios, Prefecturas, Recolhimentos, Parroquiais, e Missoens, dos quaes se dá individual noticia, e do numero de seus Religiosos, Religiosas, Terceiros, e Terceiras, que vivem Collegiadamente, tanto em Portugal, como em Suas Conquistas...* Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1740.
- “Conjuntos Monásticos-Intervenção”, in *Estudos. Património*, n.º. 2. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2002.
- CORBOZ, André – *La recherche: Trois apoloques, Le Territoire comme palimpseste et autres essais*. Besançon: Les éditions de l'imprimeur, 2001, p. 21-30.
- COSTA, Alexandre Alves – “O Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade”, in *Jornal dos Arquitectos*, n.º 213. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2003, p. 7-13.
- COUTINHO, João de Moura – “A Capela de S. Frutuoso. A sua reintegração”, in *Correio do Minho*, n.º 1.472, 24-4-1931, p. 1.
- COUTINHO, João de Moura – *São Frutuoso de Montelios: as artes pré-românicas em Portugal*. Braga: Edições da Aspa, 1978.
- ESPERANÇA, Fr. Manoel – *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal. Primeira parte, que contem seu principio, & augmentos no estado primeiro de Custodia*, vol. 1/5. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1656-1721.
- FIGUEIREDO, Ana Paula – *Os conventos franciscanos da Real Provincia da Conceição: análise histórica, tipológica, artística e iconográfica*. Tese de doutoramento, História (Arte, Património e Restauro), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2009.
- FONTES, Luís – *São Martinho de Tibães: um sítio onde se fez um mosteiro: ensaio em arqueologia da paisagem e da arquitectura*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2005.
- FONTES, Luís (coord.) – *Convento de São Francisco, Real (Braga), Trabalhos Arqueológicos*

(*Sondagens*). Relatório Final. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 2014.

FONTES, Luís – *A Basílica Sueva de Dume e o Túmulo dito de São Martinho*. Braga: Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho, 2006.

FONTES, Luís (coord.); BRAGA, Cristina; ANDRADE, Francisco – *Salvamento de Bracara Augusta. Convento de São Francisco, Real (Braga). Projeto de Adaptação a Pousada da Juventude*. Relatório Final, Trabalhos Arqueológicos da UAUM/Memórias, n.º 29, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Braga, 2012.

GARRIDO, Carla – *Intervenções em estruturas monásticas do conjunto edificado à construção do território*. Dissertação de mestrado em metodologias de intervenção no património arquitectónico. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2009.

HATOT, Thierry – *Batisseurs au Moyen Age*. Clermont-Ferrand: Éditions L'instant durable, 2009.

Inventário de extinção do convento de São Frutuoso em Braga. Ministério das Finanças, Convento de São Frutuoso de Braga, cx. 2201, in Arquivo Nacional Torre do Tombo, Hospício de São Francisco de Braga, cx. 2202 (código de referência: PT-TT-MF/DGFP/E/1/00066).

KORRODI, Ernesto – “Um monumento latino em Portugal”, in *Boletim da Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos Portuguezes*, 3.ª série, n.º 8, 1898, p. 18-20.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito – *Património Cultural: Critérios e Normas Internacionais de Protecção*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014.

LOURENÇO, Paulo; VASCONCELOS, Graça; ORTEGA, Javier; RAMOS, Luís F.; FERNANDES, Francisco – *Inspecção e Diagnóstico do Convento de S. Francisco, Braga*. Relatório E-11, DEC- Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 2015.

MARADO, Catarina – “A Propósito da ‘envolvente’ do Património Construído: O Caso do Antigo Convento Capucho de Loulé”, in *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, 2008.

MATTOSO, José – *O enquadramento social e económico das primeiras fundações franciscanas em Portugal*, in Colóquio Antoniano. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1982.

MAURÍCIO, Rui – *O mecenato artístico de D. Diogo de Sousa arcebispo de Braga (1505-1532): urbanismo e arquitectura*. Leiria: Edições Magno, 2000, p. 301-103.

MEDINAS, Victor Joaquim Fialho – *Arquitectura capucha da província da Piedade*. Tese mestrado em História da Arte. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1994.

MONFORTE, Frei Manuel de – *Chronica da Província da Piedade*, 2.ª edição. [s.l.]: ed. Officina de Miguel Manescal da Costa, 1751.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de; MOURA, Eduardo Souto; MESQUITA, João – *Braga. Evolução da Estrutura Urbana*. Braga: Câmara Municipal de Braga, 1982.

“Património Arquitectónico. Registo, Interpretação e Critérios de Intervenção”, in *Estudos. Património*, n.º 9. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2006.

RIBEIRO, Maria do Carmo Franco – *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. Tese de doutoramento, Arqueologia da Paisagem e do Povoamento. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2008.

ROWER, Frei Basílio – *A Ordem Franciscana no Brasil*, 2.ª ed. aumentada. Rio de Janeiro: Vozes, 1947.

SANTIAGO, Francisco de; COSTA, Miguel Manescal da (1762) – *Chronica da santa Província de Nossa Senhora da Soledade*, Parte I, Livro VI, Cap. I a XXXVII. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, p. 440-627.

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e (dir.) – *Ordens religiosas em Portugal: das origens a Trento: guia histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

TOMÉ, Miguel – *Património e Restauro em Portugal*. Porto: FAUP Publicações, 2002.

VIEIRA, João; LACERDA, Manuel (coord.) – *KIT 05 Património arquitectónico – Edifícios conventuais capuchos*. Lisboa: IGESPAR/IHRU, 2010.

XAVIER, Antonio Manuel – *Das Cercas Aos Conventos, Casa do Sul*. Centro de História da Universidade de Évora, 2004.

Convento de São Francisco de Real

1958





Convento de São Francisco de Real



